

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Adulter emergente e a (co)construção da intimidade: o impacto da vinculação à
mãe, ao pai e ao par romântico.**

Maria Fernandes

outubro 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade
do Porto, orientada pela Professora Doutora **Joana Cabral**
(F.P.C.E.U.P.)

Avisos legais

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contendo contributos originais e sendo reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências bibliográficas. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

A realização deste trabalho só foi possível com o apoio de todos aqueles que colocaram o seu cunho não só na minha dissertação, como em mim e na pessoa que sou. A vivência destes 5 anos académicos e a conclusão desta etapa deve-se, sobretudo, às pessoas que fizeram parte da minha história e a quem tenho muito a agradecer. Em especial:

à *prof. Doutora Joana Cabral*, por me impulsionar a fazer sempre mais e melhor e por me acompanhar nesse grande desafio. Pelo apoio incansável, pela paciência dispensada e pela orientação presente e cuidada;

à *Ana Meireles*, por ser a irmã dedicada que é e por se ter constituído como uma figura de orientação constante e infatigável. Pela partilha de ideias, pelo espírito crítico, por me fazer ganhar um outro olhar sobre a investigação, fazendo deste trabalho realidade;

à *Rita*, pelo apoio emocional, pelo incentivo exponencial, por acreditar em mim independentemente de tudo, por não admitir que duvidasse de mim, por ver em mim muito mais do que aquilo que eu vejo, académica ou pessoalmente, a muito lhe devo a pessoa que sou hoje;

à *Sandra*, à *Raquel*, à *Paula*, à *Carolina* e à *Mariana*, pelos dias e noites infindáveis, pelos abraços calorosos, pelas lágrimas e sorrisos cúmplices e, sobretudo, por me darem a força que eu já não sabia que tinha, por nunca, nunca “duvidarem das minhas capacidades”;

ao *Francisco*, ao *Paulo* e ao *Rui*, por mesmo sem saberem, conseguirem tranquilizar-me e, sem qualquer noção da importância disso, terem o poder de, independentemente de tudo, me motivarem a (sor)rir;

à *Joana*, companheira do início ao fim, parceira em todos os minutos, “compincha” e muito mais. Agradeço-lhe por ser ela mesma e por partilhar o seu *eu* comigo, agradeço-lhe ter o privilégio de a ter. Simplesmente agradeço-lhe por tudo, pois é impossível descrever tudo aquilo que 5 anos da nossa amizade constituíram na pessoa em quem me tornei;

ao *Tiago*, por me fazer crescer, por nunca deixar de acreditar em mim, por confiar que eu conseguia fazer tudo aquilo que quisesse e ir sempre mais além, por ser porto de abrigo e base segura, por se constituir como figura de vinculação, por ter um papel fundamental naquilo que sou e naquilo que construí.

À minha figura de vinculação imensurável e intemporal,
Ao meu modelo de força e coragem, a quem devo mais uma conquista.

Ao meu porto de abrigo.

A ti... Mãe.

Resumo

A vinculação aos pais tem vindo a ser enfatizada pelo seu impacto nas relações de proximidade afetiva e no processo de desenvolvimento do indivíduo. Não obstante, ao longo do ciclo vital reconhece-se o contributo de outras figuras de vinculação para o desenvolvimento e adaptação psicossocial. Este estudo visa alargar a compreensão do papel de diferentes figuras de vinculação, nomeadamente o par romântico e cada uma das figuras parentais, no desenvolvimento psicossocial do adulto emergente, num momento em que o desenvolvimento da intimidade assume saliência. Recorreu-se aos dados de 280 participantes (estudantes universitários) ao longo de dois momentos (à entrada na faculdade e 6 a 8 meses após a mesma), utilizando os seguintes instrumentos de autorrelato: Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001), *Erikson Psychosocial Inventory Scale* (Rosenthal, Gurney, & Moore, 1981) e Questionário de Vinculação Amorosa (Matos, Barbosa, & Costa, 2001). De entre os principais resultados encontrados, destaca-se a relevância da vinculação amorosa no desenvolvimento da intimidade nos rapazes (com uma influência menor da vinculação à mãe e ao pai), enquanto que nas raparigas a vinculação ao par amoroso (apesar de influente) reflete menos impacto na intimidade, competindo com a vinculação à mãe e (de forma mais modesta) ao pai.

Ainda assim, o desenvolvimento psicossocial encontra-se interligado com o contexto amoroso, que revela a sua preponderância nesta transição, surgindo como uma nova fonte de segurança e suporte. Deste modo, sugere-se um novo olhar sobre a vivência da vinculação amorosa e construção da intimidade na adultez emergente, atentando, ainda, às diferenças de género, alargando o campo de conhecimento acerca do desenvolvimento psicossocial, quer nos rapazes quer nas raparigas, nunca esquecendo as suas especificidades.

Palavras - Chave: intimidade, vinculação ao pai e à mãe, vinculação amorosa, adultez emergente.

Abstract

Attachment to parents has been emphasized for its impact on affection proximity relationships and on the individual developmental process. Regardless, through the life cycle we understand the influence of other attachment figures for the psychosocial development and adaptation process. This study aims to extend the influence of different attachment figures, namely, the romantic partner and each of the parental figures, in the psychosocial development of the emerging adult, in a moment where de intimacy development gains relevance. We used data of 280 participants (college students) in two moments (entering the college and 6 to 8 months after that), resorting to the following self-report measures: the Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001), the *Erikson Psychosocial Inventory Scale* (Rosenthal, Gurney, & Moore, 1981) and the Questionário de Vinculação Amorosa (Matos, Barbosa, & Costa, 2001). Regarding the results, we highlight the significance of the romantic attachment in the development of intimacy in the male emerging adults (with little impact of the mother and father attachment), while in the female emerging adults the romantic attachment (although influent) reflects less impact in intimacy, competing with mother attachment and (in a less influent matter) father attachment.

Nevertheless, the psychosocial development is connected with the romantic context, which reveals its prevalence in this transition, as a new source of security and support. Therefore, we suggest a new understanding on the experience of romantic attachment and intimacy construction in emerging adulthood, regarding, moreover, the gender differences, thus expanding the knowledge field on psychosocial development, in boys and girls, never forgetting its specificities.

Key-words: intimacy, father and mother attachment, romantic attachment, emerging adulthood.

Resumé

L'attachement aux parents a été renforcé dû à son impact dans les relations de proximité affective et dans le processus de développement de l'individu. Néanmoins, on comprend aussi que tout au long du cycle vital, l'influence d'autres figures d'attachement se démontre importante pour le développement et adaptation psychosocial. Cette étude veut élargir la compréhension du rôle des différentes figures d'attachement, dans le développement psychosocial de l'adulte émergent à un moment où le développement de l'intimité assume prépondérance. Pour ça, un échantillon de 280 participants (étudiants universitaires) a été récolté au long de deux moments (à l'entrée de la faculté et 6/8 mois depuis la même), utilisant les instruments d'auto-évaluation : Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (Matos & Costa, 2001), *Erikson Psychosocial Inventory Scale* (Rosenthal, Gurney, & Moore, 1981) et Questionário de Vinculação Amorosa (Matos, Barbosa, & Costa, 2001). D'entre les principaux résultats obtenus, se démarque l'urgence de l'attachement amoureux dans le développement de l'intimité dans les garçons (avec l'influence diminuée de l'attachement à la mère et l'attachement au père), tandis que chez les filles, l'attachement au pair amoureux (bien qu'influente) reflète moins d'impact dans l'intimité, concurrent avec l'attachement à la mère et, modestement, au père.

Néanmoins, le développement psychosocial se trouve interconnecté avec le contexte amoureux, qui révèle son importance dans cette transition comme une nouvelle source de sécurité et de support. Par conséquent, un nouveau point de vue est suggéré concernant l'expérience de l'attachement amoureux et la construction de l'intimité dans l'émergence adulte, étant donné les différences de genre, élargissant le domaine de connaissance dans la matière du développement psychosocial, chez les garçons et les filles, jamais oubliant ses spécificités.

Mots – clés: âge adulte émergent, attachement amoureux, attachement à la mère et au père, intimité

Índice

Introdução	1
Capítulo I: Estado da Arte	2
1. O desenvolvimento psicossocial na adultez emergente.....	2
2. Vinculação “from the cradle to the grave”	5
2.1. As especificidades da vinculação ao pai e à mãe	7
3. A hierarquia das figuras de vinculação: a influência do par romântico	9
Capítulo II: Estudo Empírico	17
1. Objetivos e Hipóteses	17
2. Método.....	18
2.1. Participantes.....	18
2.2. Instrumentos.....	20
2.3. Procedimento	21
Capítulo III: Resultados	23
1. Análises exploratórias	23
2. Testes de hipóteses	28
Capítulo IV: Discussão de Resultados, implicações e conclusões.....	32
1. Discussão de Resultados	32
2. Limitações e pistas para investigação futura	40
Referências bibliográficas	42

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caracterização da Amostra Global no primeiro momento

Tabela 2. Médias, desvios-padrão e valores de significância relativamente às diferenças de género na qualidade de vinculação aos pais no primeiro momento.

Tabela 3. Médias, desvios-padrão e valores de significância relativamente às diferenças de género na qualidade de vinculação ao par amoroso no primeiro momento.

Tabela 4. Diferenças na vinculação ao pai e à mãe desde a entrada na faculdade até 6 a 8 meses após a mesma: teste t de amostras emparelhadas.

Tabela 5. Diferenças na vinculação ao pai e à mãe desde a entrada na faculdade até 6 a 8 meses após a mesma: teste t de amostras emparelhadas.

Tabela 6: Coeficientes de correlação referentes às variáveis relativas à vinculação ao pai e à mãe, à vinculação amorosa e à intimidade.

Índice de Anexos

Anexo 1: Regressão linear múltipla relativa à predição da vinculação amorosa (2º momento) pela vinculação ao pai no sexo masculino.

Anexo 2: Regressão linear múltipla relativa à predição da vinculação amorosa (2º momento) pela vinculação à mãe no sexo masculino.

Anexo 3: Regressão linear múltipla relativa à predição da vinculação amorosa (2º momento) pela vinculação ao pai no sexo feminino.

Anexo 4: Regressão linear múltipla relativa à predição da vinculação amorosa (2º momento) pela vinculação à mãe no sexo feminino.

*So far as love or affection is concerned, psychologists have failed in this mission.
The little we know about love does not transcend simple observation, and the little we
write about it has been written better by poets and novelists.*

Harlow, 1958, p. 673

Introdução

O conceito de adultez emergente é relativamente recente e fruto das mudanças na sociedade, na qual os jovens entre a adolescência e a vida adulta têm ainda um período de transição específico, diferente de todas as outras transições, que permite que explore significados, identidades e que construa o seu *eu* e o seu *eu com os outros* (Arnett, 2007; Marcia, 1966). Deste modo, trata-se de uma faixa etária ainda parca em interesse investigativo, embora se perceba que tem implicações fundamentais para o desenvolvimento ao longo do percurso vital (Arnett, 2007; Chickering, 1969). Assim sendo, por forma a perceber o desenvolvimento psicossocial, importa recorrer a corpos teóricos consistentes que constituam a oportunidade de aprofundar estes conceitos. Recorreu-se à teoria da vinculação, uma vez que a construção do *eu* e do *nós* implica a compreensão da expressão interna e externa dos modelos internos dinâmicos e da influência das várias figuras que poderão ter papel nos mesmos, nomeadamente, o par romântico (Pittman, Keiley, Kerpelman, & Vaughn, 2011).

Posto isto, com este estudo pretende-se alargar o campo de conhecimento relativamente ao papel do par amoroso no desenvolvimento do jovem adulto. Assim, espera-se que esta investigação seja uma mais-valia para a consideração de outras figuras de vinculação que poderão ser tão importantes quanto as figuras parentais e/ou, até, assumirem-se como figuras compensatórias de modelos internos dinâmicos não adaptativos. Deste modo, a dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. O primeiro expõe uma revisão da literatura relativamente ao desenvolvimento psicossocial na adultez emergente, considerando, ainda, a vinculação aos pais e a outras figuras de vinculação, enfatizando o papel do par amoroso. O segundo capítulo remete para o estudo empírico, sendo apresentada a metodologia ao nível dos participantes, instrumentos utilizados e procedimento de recolha e análise de dados, sendo, também, apresentados os objetivos e hipóteses do estudo. No terceiro capítulo encontra-se a apresentação dos resultados obtidos, tanto nas análises exploratórias como nos testes relativos às hipóteses. A dissertação é finalizada no quarto capítulo, no qual será apresentada a discussão de resultados e considerações finais ao nível das limitações do estudo empírico e de pistas para investigação futura.

Espera-se que o presente estudo constitua um contributo significativo para a investigação no desenvolvimento psicossocial e na vinculação, nomeadamente ao par romântico, bem como que represente um incentivo para um alargamento do conhecimento acerca das relações amorosas e da (co)construção da intimidade na adultez emergente.

Capítulo I: Estado da Arte

1. O desenvolvimento psicossocial na adultez emergente

A perspetiva psicossocial de Erikson coloca o desenvolvimento da pessoa num contexto social, enfatizando o facto de que o movimento ao longo da vida ocorre em interação com os pais, família, instituições sociais e cultura, os quais estão ligados pelo período histórico em particular. O desenvolvimento psicossocial implica que cada fase pode ser vista como um determinado período da sequência vital, quando o crescimento físico, a maturação cognitiva e determinadas demandas sociais convergem para criar determinada tarefa desenvolvimental (Widick, Parker, & Knefelkamp, 1978).

O desenvolvimento psicossocial do adulto emergente prende-se com a progressão para a demanda do desenvolvimento da autonomia e individuação (Scharf & Mayseless, 2007) que abrange a adolescência e jovem adultez. Atualmente considera-se a existência de um período desenvolvimental de adultez emergente correspondente à faixa etária que engloba, sensivelmente, dos 18 aos 25 anos de idade, tratando-se de um novo período do curso vital nas sociedades industrializadas. Assim, assume características próprias, não sendo meramente uma transição para a vida adulta, mas constituindo um período desenvolvimental distinto dos demais (Arnett, 2007).

Na jovem adultez, as várias tarefas que implicam realização (educação ou trabalho) e afiliação (envolvimento romântico ou com pares) centram-se em *conectar* os papéis futuros e o mundo como um todo (Schulenberg, Bryant, & O'Malley, 2004). A transição da adolescência para a adultez é crítica, tanto em termos de contribuir para a descontinuidade do ajustamento (Schulenberg & Zarrett, *in press*, citado por Schulenberg et al., 2004) como influenciando o funcionamento adulto subsequente (Clausen, 1991, citado por Schulenberg et al., 2004). Mais ainda, tendo em conta que esta nova etapa desenvolvimental se encontra associada ao prolongamento da escolarização, grande parte destes adultos emergentes desenvolve-se em meio universitário. Atendendo a que esta é uma transição e experiência com considerável potencial desenvolvimental, passível de influenciar o percurso ao longo da vida adulta, este contexto merece especial consideração para que as instituições de ensino superior possam servir a sociedade de forma eficaz, ajudando os jovens a desenvolverem-se de forma adaptativa da adolescência à adultez (Chickering, 1969).

Segundo Hatfield (1984, p. 207), “it is in our early intimate encounters that we learn our basic strategies for dealing with the world”, ou seja, o desenvolvimento da intimidade inicia-se na infância, sendo que é “num processo contínuo de

desenvolvimento de vinculações seguras e de uma confiança que se constituem os alicerces para uma intimidade adulta” (Costa, 2005, p.71). No entanto, é no período da adultez emergente que aumentam o interesse e a capacidade de intimidade com amigos e parceiros românticos. A intimidade torna-se, progressivamente, uma preocupação mais presente quando os jovens procuram ativamente amizades íntimas e relações românticas estáveis. Estes jovens adultos confrontam-se com o desafio da construção de uma identidade adulta e é-lhes fornecido um contexto em que podem explorar diferentes *outcomes* inerentes a essa fase (Ávila, Cabral, & Matos, 2010; Marcia, 1966). Com a consolidação identitária, a pessoa estabelece um sentido de si relativamente estável, focando-se ainda na resolução da dialética intimidade *versus* isolamento, que determina se e com quem partilhará este sentido *self* (Pittman et al., 2011; Widick et al., 1978).

Segundo Erikson (1968, citado por Arseth, Kroger, Martinussen, & Marcia, 2009) a intimidade, ou seja, a capacidade de *fundir* a identidade com alguém sem o medo de perder algo de si mesmo, é comprometida nas situações em que alguma consolidação *bem-sucedida* da identidade não foi alcançada. Efetivamente, num estudo de Orlofsky, Marcia e Lesser (1973) constatou-se que os indivíduos com uma identidade realizada, geralmente têm relações bem-sucedidas, maduras e íntimas, atingindo um estado denominado de íntimo, normalmente caracterizado por autoconsciência, interesse genuíno nos demais e a ausência de defensividade significativa. Por outro lado, quando a identidade não está consolidada verifica-se a tendência para relações estereotipadas, com reduzida profundidade e proximidade genuínas, ou para o isolamento, com a falta de amigos próximos e de experiências amorosas (Orlofsky et al., 1973). Mais ainda, estudos recentes corroboram a precedência da identidade na intimidade em adolescentes e adultos emergentes do século XXI (Beyers & Seiffge-Krenke, 2010).

Não é fácil ver as pessoas como elas são, responder a elas enquanto indivíduos e não enquanto representantes de estereótipos ou de outras pessoas que encontramos no passado; também não é fácil responder calorosa e abertamente, em vez de demonstrar ansiedade, defensividade ou artificialidade (Chickering, 1969). Contudo, alcançando maior autonomia e um sentido de identidade mais robusto, as relações experienciam um aumento de confiança, interdependência, e individualidade. São menos simbióticas, o apoio é transmitido de forma mais simples, mais forte, mais implícita e mais confiável. Estas relações de amizade e amor sobrevivem ao desenvolvimento de diferenças e aos episódios de discordância, persistindo para além das separações e da falta de comunicação (Chickering, 1969). Deste modo, a intimidade genuína geralmente ocorre apenas quando um sentido de identidade

razoável foi estabelecido (Beyers & Seiffge-Krenke, 2010; Chickering, 1969; Orlofsky et al., 1973).

Contudo, homens e mulheres parecem percorrer caminhos diferentes no percurso identitário, descobrindo-se no seu *self* através do confronto com diferentes questões (Hodgson & Fischer, 1979). O adolescente rapaz testa quem é através das questões de competência e conhecimento, que se manifestam através do estabelecimento de uma carreira profissional e de projetar um sentido estável do seu futuro papel na sociedade (Hodgson & Fischer, 1979). Contudo, o foco da rapariga já não é tão claro, parecendo que a questão identitária se resolve em torno de quem é em relação com os outros, ressaltando a importância de ser bem-sucedida ao nível da satisfação pessoal e da satisfação daqueles que são importantes para ela (Arseth et al., 2009; Hodgson & Fischer, 1979).

As mulheres têm vindo a ser descritas na literatura como tendo particular predisposição para experienciar elevados níveis de intimidade quando comparadas com os homens (Arseth et al., 2009). Embora um certo nível de desenvolvimento de identidade tenda a preceder a propensão para a intimidade, esta precedência parece verificar-se de forma mais evidente para os rapazes, verificando-se que no caso das raparigas o desenvolvimento identitário mais facilmente coexiste com os desenvolvimentos identitários (Arseth et al., 2009; Gilligan, 1982; Hodgson & Fischer, 1979).

Não obstante, nas últimas décadas, as diferenças na relação entre identidade e intimidade entre rapazes e raparigas têm decrescido na sua magnitude. Este facto parece advir da mudança a que se tem vindo a assistir nas sociedades ocidentais relativamente a papéis de género, com mais mulheres a perspetivarem um projeto de vida mais ligado ao mundo laboral e a receberem maior suporte relativamente a essas escolhas (Arseth et al., 2009).

De referir, ainda, que apesar de o constructo identitário se pressupor, nesta fase, relativamente elaborado, tal não implica uma estabilidade absoluta do mesmo. As próprias relações de intimidade têm implicações cruciais na identidade, pois podem fornecer *feedback* interpessoal que leve à reconsideração de compromissos de identidade prévios. Por outro lado, os parceiros íntimos podem ser fontes de apoio e de validação, acabando por reforçar o constructo identitário vigente (Pittman et al., 2011).

O desenvolvimento psicossocial pode ser considerado como uma co-construção psicossocial que emerge através da interação com um contexto situado histórica e culturalmente e com outros significativos que partilham esse mesmo contexto (Pittman et al., 2011). Deste modo, embora tenham derivado de tradições teóricas diferentes e

o seu contacto empírico tenha sido relativamente reduzido, o conceito de intimidade de Erikson ganha uma compreensão mais aprofundada a partir das contribuições da teoria de vinculação de Bowlby (Pittman et al., 2011). A vinculação implica representações do *self* e dos outros, e fornece os pilares para o desenvolvimento social e da personalidade, podendo estas representações ser vistas como atributos de uma *fundação* que mais tarde *molda* o desenvolvimento psicossocial (Pittman et al., 2011).

2. Vinculação “from the cradle to the grave”

A teoria da vinculação enfatiza a função biológica dos *laços* emocionais íntimos entre indivíduos e das figuras primárias de prestação de cuidados, bem como o papel das representações do *self* na relação com o mundo, com os outros e consigo próprio. Mais ainda, defende a propensão para estabelecer *laços* emocionais com figuras particulares como uma componente básica da natureza humana (Bowlby, 1988). Isto é, como resultado de processos de seleção natural, as crianças adquirem comportamentos por forma a manter a proximidade ao prestador de cuidados com o objetivo de assegurar segurança e conforto, reais e/ou percebidos. As disrupções nesta manutenção implicam, de forma geral, ansiedade e, por vezes, raiva ou tristeza (Bowlby, 1988; Hazan & Shaver, 1994).

Dizer que um indivíduo está vinculado a alguém significa que está altamente disposto a procurar proximidade e contacto com essa figura de vinculação e propenso a fazê-lo em situações específicas de *distress*, sendo esta predisposição um atributo persistente que, embora passível de mudança ao longo de tempo, não é linearmente afetado por uma situação pontual. Por sua vez, o comportamento de vinculação refere-se às várias formas de conduta que a pessoa adota para obter e/ou manter a proximidade desejada (Bowlby, 1988). O sistema de vinculação e os *laços* que dele advêm mantêm-se presentes e ativos ao longo do ciclo vital (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Bowlby, 1980), estejam presentes ou não comportamentos de vinculação (Cassidy, 1999).

O processo de vinculação é universal, nomeadamente no que respeita à reatividade às separações e perdas, revelando uma sequência de manifestações emocionais com um certo grau de previsibilidade e consistência. Primeiramente ocorre o protesto (choro, procura ativa e resistência às tentativas tranquilizantes por parte de outros que não a figura de vinculação), seguindo-se o desespero (envolvendo passividade e/ou tristeza), podendo culminar com a desativação dos comportamentos de vinculação e com a eventual desvinculação emocional (Bowlby, 1973, citado por Hazan & Shaver, 1994). A procura de proximidade com a figura de vinculação emerge,

tipicamente, quando a criança está com medo ou em experiência de *distress*, atribuindo ao prestador de cuidados a função de porto de abrigo, no qual a criança se pode refugiar para conforto e segurança. É a partir do sentimento de segurança de que este prestador de cuidados estará disponível, que a criança ganha confiança para explorar o mundo que a rodeia, experienciando uma base segura (Ainsworth et al., 1978; Bretherton, 1985; Hazan & Shaver, 1994), ou seja, percebe que pode explorar o meio (de forma adequada à sua idade e nível desenvolvimental) e voltar, sabendo que será cuidada e acarinhada física e emocionalmente, confortada quando em *distress*, e securizada quando amedrontada (Bowlby, 1988).

Com base no protocolo da “Situação Estranha”, Ainsworth e colaboradores (1978) conseguiram verificar esta consistência universal, identificando no entanto três grupos distintos de bebés, em função das especificidades das suas respostas: bebés (i) seguros, (ii) ansiosos-ambivalentes, e (iii) evitantes. Sinteticamente, as crianças seguras tendem a ter prestadores de cuidados carinhosos e consistentemente responsivos, desenvolvendo modelos de si mesmas como merecedoras de amor e modelos dos outros como responsivos e confiáveis. Se, no entanto, as tentativas de procura de conforto são consistentemente rejeitadas, a criança será considerada evitante, vendo os outros como não confiáveis e a si mesma como não merecedora de cuidado ou como autosuficiente e sem necessidade de cuidado. Finalmente, quando um prestador de cuidados é inconsistente na sua responsividade, a criança (ansiosa-ambivalente) ficará na incerteza acerca da disponibilidade dos outros e do valor de si mesma. Assume-se que é nas interações repetidas com o prestador de cuidados que a criança aprende o que pode esperar, criando, então, a base das representações mentais ou dos modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1973, citado por Costa & Matos, 2006).

Apesar da pertinência teórico-empírica da vinculação na infância, desde os primórdios da formulação teórica de Bowlby que se entende que o comportamento de vinculação tem um importante papel na vida do indivíduo “from the cradle to the grave” (Bowlby, 1969/1982, p. 208). Na construção de novas relações, o indivíduo leva consigo uma história de experiências sociais e um leque de memórias, crenças e expectativas único que guia a forma como interpreta os comportamentos e intenções do outro e constrói o mundo social (Collins & Read, 1994). Não obstante, a teoria da vinculação não *dita* uma estabilidade absoluta das diferenças individuais da infância. Antes, como qualquer construção cognitiva, os modelos internos dinâmicos são resistentes mas ainda assim sujeitos à mudança (Collins & Read, 1994; Fiske & Taylor, 1991, Piaget, 1952, citado por Hazan & Shaver, 1994).

Deste modo, o papel da vinculação não é estanque, existindo ao longo de toda a vida com as suas próprias especificidades. Destacam-se os contributos de Bartholomew e Horowitz (1991) que elaboraram, com base numa dicotomização (positiva ou negativa) da imagem do eu e do outro, quatro protótipos de vinculação na idade adulta: *seguro* (imagem positiva de si e dos outros), *desinvestido* (imagem positiva de si e negativa dos outros), *preocupado* (imagem negativa de si e positiva dos outros), *amedrontado* (imagem negativa de si e dos outros). O indivíduo *seguro* caracteriza-se pelo conforto com a proximidade e com a dependência nos outros, sem perda de autonomia e pela aceitação do suporte por parte da figura de vinculação. Quanto ao indivíduo *desinvestido*, este caracteriza-se pelo distanciamento dos demais e pela incapacidade de depender de outros e de os perspetivar como porto de abrigo e base segura. Já o *preocupado* caracteriza-se pela dependência excessiva dos outros significativos, revelando elevados níveis de ansiedade de separação, que comprometem a individuação e autonomia, tendendo ao estabelecimento de relações românticas do tipo fusional. Assim, necessita de tal forma da proximidade dos outros que sente que estes raramente não correspondem às suas expectativas, na medida em que estas tendem a revelar-se demasiado exigentes e quase irrealistas. Por fim, os sujeitos *amedrontados* têm baixos níveis de intimidade, envolvimento romântico, dependência nos outros e de uso dos outros como base segura, não significando que não necessitem de interações sociais, pois revela-se exatamente o contrário (Bartholomew & Horowitz, 1991; Costa & Matos, 2006).

2.1. As especificidades da vinculação ao pai e à mãe

A teoria original da vinculação assumia, ainda, a importância da vinculação a ambos os pais ao longo do desenvolvimento, no entanto, a investigação acerca das especificidades da vinculação ao pai (visto que a maior parte se foca na mãe) revela-se parca (Torres, Santos, & Santos, 2008). Não obstante, tem-se vindo a propor que a vinculação à mãe e ao pai pode ter, efetivamente, algumas particularidades que importa perceber (Bretherton, 2010; Torres et al., 2008).

A partir da década de 70, o papel do pai começou a ser amplamente descrito na literatura como o de um progenitor ativo e envolvido nos cuidados (Lamb, 1992) e a investigação começa por sugerir que a influência do pai e da mãe sobre os seus filhos parece ser mais similar do que distinta (Lamb, 1992), nomeadamente no que concerne à concordância da classificação da vinculação da criança à mãe e ao pai (Fox, Kimmerly & Schafer, 1991; Monteiro, 2007; Veríssimo, Monteiro, & Santos, 2006; Veríssimo et al., 2011). Não obstante, a segurança a ambos os pais parece estar associada a diferentes *outcomes* desenvolvimentais (Paquette, 2004; Veríssimo et al.,

2011). Efetivamente, o desenvolvimento de diferentes tipos de competências sociais está ligado a diversas dimensões de parentalidade (cuidado, faz-de-conta, jogo físico), sejam fornecidas pela mãe ou pelo pai, mas as mães e os pais geralmente têm tendência para interagir de forma diferente com os seus filhos, de forma complementar um ao outro (Paquette, 2004).

A comparação da interação mãe-criança e pai-criança sugere que o pai representa um papel extremamente importante no desenvolvimento da abertura do filho para o mundo, intitulando-se esta dinâmica de relação de ativação pai-criança (Paquette, 2004). Os pais parecem ter uma tendência para ativar e surpreender de forma momentânea a criança; tendem a encorajar o correr riscos, enquanto, ao mesmo tempo, proporcionam segurança, permitindo que as crianças se tornem mais “corajosas” e “reivindicativas” nos mais diversos contextos (Paquette, 2004). Esta relação de ativação é desenvolvida, primariamente, através da brincadeira física (Lamb, 2010; Monteiro, 2007; Paquette, 2004) que encoraja a abertura da criança ao mundo exterior (Paquette, 2004) fomentando, também, a construção de amizades (Torres et al., 2008). O papel estimulante do pai fomenta a adaptação da criança a meios imprevisíveis e desafiadores, como é o contexto de interação com crianças desconhecidas num ambiente também desconhecido (Torres et al., 2008).

Assim, Steele, Steele e Fonagy (1996, citado por Veríssimo et al., 2011) sugerem que a vinculação à mãe está mais relacionada com o mundo interno da criança, enquanto que a vinculação ao pai se encontra mais relacionada com o mundo externo. Na idade pré-escolar, a amizade tende a ser baseada em atividades e jogos, focalizando-se no mundo externo (Veríssimo et al., 2011). Por outro lado, na adolescência a amizade exacerba as características pessoais e o desenvolvimento da intimidade (Youniss, 1986, citado por Veríssimo et al., 2011), que implicando *self-disclosure* e partilha de problemas e conselhos entre amigos, encontra-se mais relacionada com “qualidades do mundo interno”¹ (Veríssimo et al., 2011, p. 34). Assim, a qualidade da vinculação a pais e mães atua de forma diferente na construção de relações de amizade, dependendo do nível de maturidade do indivíduo (Veríssimo et al., 2011). Os pais parecem ser facilitadores da entrada para um mundo alargado de pares e fornecem suporte na construção inicial de relações de amizade, enquanto as mães se constituem como a figura preponderante para a construção e manutenção de relações de amizade na adolescência, caracterizadas por exigirem níveis superiores de afeto e intimidade (Veríssimo et al., 2011).

¹ Tradução da autora

Importa também perceber de que forma o papel diferencial do pai e da mãe se reflete nas vivências noutras faixas etárias, nomeadamente na adolescência e adultez emergente. Sagi-Schwartz e Aviezer (2005, citado por Bretherton, 2010) verificaram algumas diferenças ao longo do desenvolvimento dos sujeitos. Na faixa etária dos 11 aos 20 anos, a vinculação à mãe revelou-se mais preditora de comportamentos adaptativos, em comparação com a vinculação ao pai. Contudo a partir dos 20 anos emergiram duas associações significativas à vinculação ao pai: a primeira relacionada com a perceção da qualidade das relações românticas e a segunda com a autoestima global (Sagi-Schwartz e Aviezer, 2005, citado por Bretherton, 2010).

Mais ainda, Buist, Dekovic, Meeus e van Aken (2002) referem a importância de ter em conta o género do indivíduo, neste caso, do adolescente, bem como o género da figura de vinculação. Os padrões desenvolvimentais diferem entre díades de género, existindo uma clara diferença entre o tipo de vinculação entre o mesmo sexo (mãe-filha; pai-filho) e a vinculação de filho e progenitor de diferente sexo, sendo as primeiras geralmente mais próximas do que as segundas (Buist et al., 2002). No entanto, aquando a entrada na fase de adolescência, verifica-se um decréscimo desta proximidade aos pais do mesmo sexo, tanto em rapazes com os pais, como em raparigas com as mães (Buist et al., 2002).

Ainda assim, o percurso vital é traçado pela influência de múltiplas figuras de vinculação que, a par da importância inegável dos pais enquanto figuras primárias, ganham relevância ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Mais concretamente, as funções de vinculação tendem a uma transferência progressiva dos pais para os pares, ressalvando que os primeiros nunca deixam totalmente de ser figuras de vinculação (Matos & Costa, 1996; Scharf & Mayseless, 2007).

3. A hierarquia das figuras de vinculação: a influência do par romântico

Segundo Rocha (2008, p.54), “embora a base segura esteja até tarde sob a ‘guarda’ dos pais, a entrada na equação relacional do par amoroso parece alterar a importância hierárquica dos pais”. O amor romântico pode, de facto, ser concetualizado como uma relação de vinculação, um processo biopsicossocial no qual *laços* afetivos são formados entre adultos enamorados, cujo desenvolvimento é semelhante ao inerente à constituição de *laços* afetivos entre crianças e figuras parentais (Hazan & Shaver, 1987).

A vinculação romântica envolve um conjunto de expectativas fundamentais para o sentido de segurança na idade adulta relativamente à disponibilidade e responsividade do parceiro em situações de necessidade, ao conforto com o contacto próximo e intimidade e à confiança acerca da possibilidade do parceiro continuar a

amar (Collins & Read, 1990). Assim, como na vinculação na infância, as crenças e expectativas sobre a segurança nas relações e na figura de vinculação romântica têm implicações para as experiências de conforto e proximidade com a intimidade (Collins & Read, 1990). Estas crenças e expectativas advêm, tipicamente, dos modelos internos que o indivíduo constrói acerca de si e dos outros ao longo da sua história relacional com as figuras de vinculação, que começam por se desenvolver no contexto das relações com os cuidadores primários. Efetivamente, diversos autores (Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987) verificaram diferenças nas crenças, nas expectativas e nas próprias experiências amorosas de acordo com o estilo de vinculação.

Os sujeitos com um padrão *seguro* de vinculação romântica tendem a recordar pais carinhosos, respeitadores, aceitantes e não rejeitantes, menos punitivos, referindo também relações mais carinhosas entre os pais (Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987). Revelam-se mais confortáveis com a proximidade e capazes de depender dos outros, têm maior autoestima e mais confiança nos demais (Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987). Tendem a descrever a sua experiência amorosa mais importante como feliz, amigável e confiável, enfatizando a sua capacidade de aceitar e apoiar o parceiro independentemente dos seus defeitos, e as suas relações tendem a durar mais no tempo (Hazan & Shaver, 1987). No que concerne à visão relativamente à relação, os sujeitos seguros percebem menos conflito, sentem que é possível depender do parceiro e têm menos ciúmes. Deste modo, veem a relação de forma positiva, sentem-se mais satisfeitos e mais próximos do parceiro, confiam nele e percebem melhor comunicação e *self-disclosure* (Collins & Read, 1990; Hazan & Shaver, 1987).

Os sujeitos com uma vinculação romântica *evitante* tendem a descrever a mãe como rejeitante e fria e o pai como inflexível, impaciente, emocionalmente instável e física e emocionalmente indisponível (Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987). Nestes indivíduos verifica-se em larga medida o medo da intimidade, flutuações emocionais e ciúmes, sendo menos provável uma experiência amorosa positiva (Hazan & Shaver, 1987) devido, ainda, à dificuldade de interdependência e compromisso (Levy & Davis, 1988, Simpson, 1990, citado por Feeney, 1999).

Finalmente, os sujeitos caracterizados por uma vinculação romântica *ansiosa-ambivalente* tendem a identificar experiências de injustiça, de controlo e de intrusividade nas relações com as figuras de vinculação primárias (Collins & Read, 1990; Feeney & Noller, 1990; Hazan & Shaver, 1987). No entanto, consideram que é fácil uma pessoa apaixonar-se e veem-se muitas vezes a fazê-lo (Hazan & Shaver,

1987), almejando uma relação amorosa que envolva fusão, reciprocidade e paixão intensa. Estes sujeitos têm com frequência expectativas demasiado altas que levam a uma dificuldade em encontrar alguém que corresponda às mesmas, culminando em maiores sentimentos de solidão (Hazan & Shaver, 1987). Quando numa relação, estes sujeitos veem-na mais negativamente, estão menos satisfeitos, sentem-se mais distantes do parceiro, confiam menos, sentem que não podem depender dele. Existe, também, mais probabilidade de sentirem ciúmes e sentirem que o parceiro não se envolve tanto quanto gostariam em comportamentos de *self-disclosure* (Collins & Read, 1990).

A existência de uma relação amorosa é uma condição fundamental quer para a extensão da transferência das componentes da vinculação, quer para a rapidez em que este processo ocorre (Mota & Rocha, 2012). Efetivamente, no início da adultez, as relações com os pares e com o par amoroso ganham relevância, havendo probabilidade de estes passarem a funcionar como porto seguro (Bartholomew, 1990; Fraley & Davis, 1997; Rocha, 2008) podendo mais tarde equiparar-se às relações com os pais na promoção do bem-estar do sujeito (Rocha, 2008). Os pais acabam, então, por ser posicionados numa hierarquia de figuras de vinculação que muda na progressão para a idade adulta (Allen & Land, 1999; Bowlby, 1969/1982; Fraley & Davis, 1997; Hazan & Shaver, 1994).

Deste modo, interessa perceber de que forma a hierarquia das figuras de vinculação progride ao longo do desenvolvimento, sendo que diversos estudos destacaram o papel de diferentes figuras de vinculação em diferentes dimensões do contexto relacional. Por exemplo, no estudo de Furman e Buhrmester (1992) que concerne à fonte de suporte de eleição, mães e pais parecem ser nomeados como as principais fontes de suporte no 4º ano de escolaridade, sendo que no 7º ano os amigos do mesmo sexo assumem-se como igualmente importantes, verificando-se a sua primazia no 10º ano. Progressivamente, os pares românticos sobem na hierarquia com a idade, até à universidade, altura em que são colocados a par dos amigos e mães. Verificou-se que na universidade, os rapazes classificam os seus parceiros românticos como as principais figuras de suporte na sua rede, enquanto as raparigas atribuíram valores de igual suporte para os parceiros, mães, amigos do mesmo sexo e irmãos (Furman & Buhrmester, 1992).

No que concerne à *procura de proximidade*, e considerando um estudo transversal com jovens em Portugal (Rocha, 2008), denota-se, em adolescentes mais novos, uma preferência pela mãe em detrimento do par romântico, contudo a proporção de raparigas que prefere recorrer à mãe parece decrescer com a idade e reverte-se nas mais velhas (que tendem a privilegiar o par amoroso). Quanto aos

rapazes, esta diminuição do recurso à mãe ocorreu apenas aos 17/18 anos, não se verificando esta procura primordial de proximidade junto do par amoroso (Rocha, 2008). Quanto à figura paterna, na adolescência média os rapazes são mais orientados em termos da procura de proximidade para o pai, embora a percentagem de rapazes que recorrem ao pai e ao par amoroso tenda a aumentar com a idade. Quanto às raparigas, estas recorrem de igual forma ao pai e ao par amoroso, não se manifestando uma preferência por uma destas figuras (Rocha, 2008). Considerando a *base segura*, o recurso à mãe permanece claro nos rapazes, ao longo de toda a adolescência. Porém, este fenómeno só se verifica nas raparigas mais novas. Quando existe par amoroso (nas raparigas), apesar de não existir transferência, ocorre um alargamento da “rede de vinculação”, neste caso abrangendo o par amoroso (Rocha, 2008).

Mais ainda, do início para o meio da adolescência, a percentagem de adolescentes que nomeiam os parceiros românticos como confidentes primários sofre um acréscimo (Nomaguchi, 2008). No início da adolescência, embora rapazes e raparigas apresentem percentagens similares de relatos da mãe enquanto confidente primária, as raparigas têm mais probabilidade do que os rapazes de reportar também os amigos ou os parceiros românticos, enquanto os rapazes têm mais probabilidade do que as raparigas de reportar o pai. A meio da adolescência, tanto rapazes como raparigas demonstraram um declínio no relato da mãe ou do pai enquanto confidentes primários. Ainda assim, mais raparigas do que rapazes reportaram o parceiro romântico como confidente primário (Nomaguchi, 2008).

O par amoroso parece, então, ganhar destaque na hierarquia da vinculação nos adolescentes mais velhos, manifestando-se, contudo, um maior investimento no campo amoroso por parte das raparigas. Nos rapazes também se evidencia a tendência de aumento da importância do par amoroso, porém de forma mais subtil quando em comparação com as raparigas (Rocha, 2008). Nas raparigas mais velhas, o par romântico pronuncia-se como uma figura mais estável, pressupondo-se uma relação mais duradoura, percebendo-se assim uma maior orientação para esta figura que se revela crucial para o desenvolvimento da intimidade e para a “interatividade do sistema de vinculação”, ou seja, desenvolvendo-se uma percepção de *careseeking* e *caregiving* mútuos. Por sua vez, os rapazes parecem orientar-se quer para as figuras parentais quer para as amorosas, percebendo-se que a rede de vinculação manifesta um progressivo alargamento (Rocha, 2008).

Não obstante, a vinculação aos pais continua a ter um papel ativo nas diferentes percepções relacionais, através dos modelos internos dinâmicos. Na adolescência, existe uma associação consistente entre vinculação aos pais e aos pares, contudo

esta consistência não é tão clara entre a vinculação aos pais e par amoroso (Rocha, 2008). Tanto para rapazes como para raparigas, a *intensidade de afetos* com amigos próximos do mesmo género associa-se à mesma dimensão nas relações com o par amoroso, enquanto que a intensidade afetiva na relação com pais e na relação amorosa não se associava de todo (Shulman & Scharf, 2000). Mais concretamente, a intensidade afetiva com os amigos do mesmo sexo explicou 27% da perceção de proximidade com o parceiro romântico, enquanto a intensidade afetiva com os pais não evidenciou poder preditivo, sem encontrar diferenças de género (Shulman & Scharf, 2000).

Este fenómeno pode prender-se com a idade desenvolvimental, pressupondo-se que em idades mais tardias da adolescência e da adultez emergente o fenómeno se inverta, visto que as relações amorosas se começam a pautar pela internalização de um modelo relacional (Rocha, 2008). Na adolescência tardia, as ligações entre as relações românticas e parentais parecem ser mais evidentes ao longo do desenvolvimento da relação romântica, a par do aumento de importância das componentes de *caregiving* e de vinculação (Furman & Wehner, 1997).

Relativamente à influência da vinculação aos pais nas dimensões da vinculação amorosa, verifica-se no estudo de Rocha (2008) que a *confiança* é promovida por níveis baixos de *inibição da exploração e individualidade* (ao pai e à mãe) e altos níveis de *qualidade do laço emocional*. Quanto à *dependência*, esta reflete altos valores de *inibição da exploração e individualidade* e de *ansiedade de separação* (ao pai e à mãe). Relativamente ao *evitamento*, este é predito por altos níveis de *inibição da exploração e individualidade* (vinculação à mãe a o pai) e baixos níveis de *qualidade do laço emocional* na vinculação à mãe. Por fim, a *ambivalência* parece estar associada a altos níveis de *inibição da exploração e individualidade* e baixos níveis de *qualidade do laço emocional* na vinculação a ambos os progenitores (Rocha, 2008).

Mais ainda, Freeman e Newland (2002) encontraram diferenças de género na vinculação aos pais, que se associava posteriormente à vinculação com o par amoroso e ao par amigo. Nas raparigas, pareceu evidenciar-se o modelo compensatório, tendendo a compensar a falta de qualidade relacional com os pais através das relações com os pares e par amoroso. Nos rapazes evidenciou-se um modelo independente, não se verificando ligação entre a qualidade relacional com os pais e a relação amorosa. Os rapazes não procuram namoradas para colmatar a insatisfação relacional com os pais, embora haja uma associação positiva entre a relação com os pais e com o melhor amigo (Freeman & Newland, 2002).

Ainda assim, a vinculação à mãe continua a revelar a sua primazia na influência nas relações ao longo do ciclo vital. Neste sentido, a segurança à mãe pressupõe um aumento da segurança noutros contextos, bem como a insegurança no contexto materno promove insegurança nos demais contextos. Contudo, a vinculação às outras figuras (pai, pares, par amoroso) não parece estar tão diretamente associada com a percepção de segurança noutros contextos de vinculação. Assim, Rocha (2008, p. 311) referindo-se à vinculação ao pai, considera que “(...) os pais são figuras importantíssimas do ponto de vista da sobrevivência relacional, mas que as relações com pares e par amoroso podem ser vistas como formas adaptativas de colmatar inseguranças de vinculação, e de modo mais abrangente, de aprender a ser uma figura de vinculação para outros”. Assim, os contextos relacionais amorosos e de pares podem ser alternativas de segurança/insegurança ao pai, assim como o contexto amoroso pode funcionar como alternativa segura/insegura ao contexto de amigos (Rocha, 2008).

Por outro lado, os estilos de vinculação em muito se associam ao desenvolvimento psicossocial proposto por Erikson. Mais concretamente, o estilo de vinculação aos pais parece predizer o desenvolvimento psicossocial no que concerne à intimidade, para além de influenciar a identidade (Arseth et al., 2009). Os indivíduos com um estilo de vinculação seguro mostram consistentemente melhor funcionamento nas relações próximas do que os indivíduos desinvestidos, manifestando-se nas relações com amigos, parceiros românticos e pais. Consequentemente, os adolescentes que demonstram maior maturidade na intimidade, evidenciam maior capacidade de intimidade nas relações românticas e de amizade e um estilo de vinculação mais seguro nessas relações (Mayseless & Scharf, 2007). Mais ainda, o estilo evitante foi associado com uma menor capacidade de intimidade e de relações afetivas em amizades próximas enquanto o estilo seguro foi associado com um estilo mais adaptativo nestes contextos, pelo que a vinculação aos pais parece ser mais pertinente para a capacidade de intimidade do que a atitude geral em relação a outros significativos (Mayseless & Scharf, 2007).

Não obstante, também o contexto das relações românticas é de uma importância crucial nos jovens, uma vez que permite uma nova percepção relacional, seja ao nível da segurança como ao nível da autonomia, visto que se desenvolve em trâmites diferentes àqueles em que a relação familiar é construída (Ávila et al., 2010). Assim, reforça-se a importância do contexto romântico no desenvolvimento psicossocial do indivíduo, pois este para além de promover a autonomia e o sentido de identidade, também fomenta a construção da intimidade (Ávila et al., 2010).

Embora as componentes das relações românticas na adolescência se assemelhem às das relações adultas, a natureza e qualidade destas relações difere entre a adolescência inicial e tardia. Nos adolescentes (até nos mais novos) existe a experiência da relação romântica enquanto relação de *caregiving*, bem como a valorização da intimidade e vinculação de forma muito próxima à percepção dos adultos. Contudo, com o decorrer da adolescência, parece decrescer o valor atribuído ao companheirismo e fascínio, dando lugar à valorização da proximidade e compromisso mútuo (Shulman & Scharf, 2000).

Como referem Furman e Wehner (1997, p.21),

If we were to look back at our romantic experiences, most of us would be struck by the changes that have occurred in our relationships. Our early forays could usually be characterized as superficial or awkward, yet quite important to us at the time.

Assim, embora a experiência romântica evolua ao longo do tempo, tal não implica que não tenha influência no indivíduo e no seu desenvolvimento psicossocial em toda a sua especificidade. Aliás, a tarefa da separação ou individuação da família foi mais associada aos jovens que namoram (Gray & Steinberg, 1999, citado por Lanz & Tagliabue, 2007), independentemente da percepção de suporte emocional por parte dos pais (Lanz & Tagliabue, 2007), estando o desenvolvimento da psicossocial fortemente associado às relações românticas aquando a adultez emergente (Lehnart, Neyer, & Eccles, 2010).

Ainda assim, é no contexto de uma vinculação segura aos pais que se evidenciam a separação e individuação em relação aos mesmos e que se criam as condições para relações românticas saudáveis e ajustadas (Mota & Rocha, 2012). Reciprocamente, as próprias experiências relacionais têm um papel crucial nesta transição, pois sendo expectável a separação dos pais e a saída de casa, o estabelecimento de relações românticas surge como uma fonte nova e importante de segurança psicológica e emocional (Lehnart et al., 2010). Ter um parceiro romântico fornece aos jovens adultos uma base segura e um porto seguro para a exploração de estilos de vida e visões do mundo (Lehnart et al., 2010). De facto, as diferenças individuais na adaptação às transições associam-se, em larga medida, às diferenças do meio social e as relações românticas podem ser consideradas como uma das mais importantes facetas do meio social (Lehnart et al., 2010). Existe, então, a necessidade de compreender o domínio do envolvimento romântico como preponderante para manutenção de um alto nível de bem-estar em momentos de transição (Schulenberg et al., 2004).

Alcançar a intimidade numa relação romântica é considerada uma tarefa desenvolvimental crítica na entrada na adultez (Conger, Cui, Bryant, & Elder, 2000), tendo um papel crucial no ajustamento a curto e longo-prazo (Lehnart et al., 2010; Schulenberg et al., 2004). Assim, encontrar um parceiro estável permanece como um objetivo importante para a maior parte dos jovens adultos, sendo que muitos deles o considera um marco fundamental no *status* de adulto (Rauer, Pettit, Lansford, Bates, & Dodge, 2013; Lanz & Tagliabue, 2007). Investigações recentes sugerem que os indivíduos que adiam o investimento romântico na adultez emergente são menos propensos a alcançar sucesso noutros domínios (Lehnart et al., 2010; Seiffge-Krenke, 2010, citado por Rauer et al., 2013). Contudo, o adiar do envolvimento romântico não parece problemático por si só, sendo mais relevantes as dificuldades do indivíduo em se relacionar de forma competente com os demais desde a infância, mantendo este padrão no domínio romântico enquanto adulto, especialmente se os problemas com os pais e pares persistirem ao longo das diferentes etapas desenvolvimentais (Rauer et al., 2013).

Concluindo, se é verdade que a vinculação aos pais tem vindo a ser enfatizada pelo seu impacto nas relações de proximidade afetiva e no processo de desenvolvimento do indivíduo, percebe-se também que ao longo do ciclo vital a influência de outras figuras de vinculação se revela preponderante, podendo ter efeito na manutenção ou alteração de modelos internos dinâmicos vigentes. A este propósito, importa alargar a compreensão do papel de diferentes figuras de vinculação, nomeadamente, o par romântico, considerando o desenvolvimento psicossocial do adulto emergente, em particular em termos da construção da intimidade.

Capítulo II: Estudo Empírico

Procurando-se alargar a compreensão do papel de diferentes figuras de vinculação no desenvolvimento psicossocial do adulto emergente, pretende-se perceber a influência das diferentes dimensões da vinculação amorosa e da vinculação ao pai e à mãe na resolução da tarefa intimidade.

1. Objetivos e Hipóteses

Embora a vinculação aos pais tenha vindo a ser descrita pela literatura como o preditor mais consistente para o desenvolvimento psicossocial no que concerne à tarefa intimidade (Mayseless & Scharf, 2007), os constructos identitários e de intimidade encontram-se, também, fortemente associados à qualidade das relações românticas na adultez emergente (Lehnart et al., 2010) que parecem evidenciar-se como elementos indispensáveis para uma construção da intimidade de forma adaptativa (Rocha, 2008). Revela-se, então, necessário considerar a vinculação às diferentes figuras de vinculação presentes ao longo da vida do indivíduo (Rocha, 2008). Assim, como objetivo do estudo, interessa explorar qual o contributo quer da vinculação amorosa quer da vinculação a cada uma das figuras parentais no desenvolvimento da intimidade.

Em primeiro lugar, e numa aproximação inicial aos dados, importa analisar se a contribuição da vinculação aos pais corresponde a um efeito conjunto (através de variáveis compósitas baseadas nos *scores* para o pai e mãe), ou se as variáveis da vinculação ao pai e à mãe (consideradas de forma separada) acrescem significativamente à explicação do nível de desenvolvimento da intimidade. Adicionalmente importará também explorar as diferenças de género nas dimensões em análise, assumindo que o desenvolvimento psicossocial poderá assumir contornos distintos para raparigas e rapazes. Para concluir esta análise preliminar, importará ainda explorar as mudanças observadas nas dimensões em análise ao longo da entrada no ensino superior.

Avançando para as hipóteses estruturantes do presente estudo, espera-se, então, que níveis superiores de segurança na vinculação ao pai e à mãe (considerando as dimensões de *inibição da exploração e individualidade*, *qualidade do laço emocional* e *ansiedade de separação*) sejam preditivos de níveis superiores de vinculação ao par amoroso, considerando as dimensões de *confiança*, *dependência*, *evitamento* e *ambivalência* (H1).

Posto isto, espera-se que depois de controlado o efeito da vinculação aos pais (considerando as dimensões de *inibição da exploração e individualidade*, *qualidade do laço emocional* e *ansiedade de separação*), níveis superiores de segurança na

vinculação ao par romântico (considerando as dimensões de *confiança*, *dependência*, *evitamento* e *ambivalência*) sejam preditivos de níveis superiores de desenvolvimento da intimidade (H2).

2. Método

2.1. Participantes

Tratando-se de um estudo longitudinal, a mortalidade da amostra é inevitável, pelo que para efeitos do estudo se consideraram apenas os participantes que responderam na primeira e segunda administrações, i.e., no momento de entrada na faculdade e 6 a 8 meses mais tarde. A mortalidade da amostra não representou mudanças significativas nos dados demográficos apresentados, nomeadamente no que concerne ao sexo, ao estado civil dos participantes e dos pais, ao agregado familiar, ao número de irmãos e à percentagem de deslocados. Assim sendo, para efeitos de caracterização da amostra serão utilizados os dados relativos à primeira administração (tabela 1).

A amostra é, então, constituída por 280 participantes, sendo a maior parte (72.1%) do sexo feminino – como é comum nas amostras de estudantes universitários – e 27.9% do sexo masculino. Ao longo do estudo, as idades dos participantes foram, logicamente, aumentando, sendo que, inicialmente, tratando-se de estudantes universitários à entrada no ensino superior, as idades dos participantes variavam entre 17 e 20 anos, com uma média de 17.94 anos ($DP = .510$). No que concerne ao estado civil, todos os participantes do estudo são solteiros e, relativamente aos pais, a maior parte dos participantes têm os pais casados (83.6%), sendo que 11.4% têm os pais separados ou divorciados. Quanto à escolaridade dos pais dos participantes, existe uma assinalável percentagem de pais (25.3%) e mães (29%) licenciados, denotando-se, ainda assim, alguns dos pais com uma escolaridade abaixo do 4º ano/classe (20.2% de pais e 16.8% de mães). Relativamente ao agregado familiar, para a maior parte dos participantes (62.2%) este é constituído pelos pais, irmão(s) e/ou avó(s), seguidos dos participantes que referem apenas os pais (20.5%), distribuindo-se os restantes por múltiplas configurações familiares. No que concerne ao número de irmãos, este varia entre 0 e 12, sendo a média de irmãos dos participantes de 1.15 ($DP = 1.048$). Mais ainda, 40.5% dos participantes encontravam-se deslocados de casa.

Tabela 1. *Caraterização da amostra global no primeiro momento*

Caraterísticas Demográficas		F	%
Idade M = 17.94, DP = .510	17	43	15.5
	18	211	75.9
	19	22	7.9
	20	2	0.7
Sexo	Masculino	78	27.9
	Feminino	202	72.1
Estado Civil	Solteiro	279	100
Estado Civil dos pais	Casados	234	83.6
	Separados/ divorciados	32	11.4
	Viúva	14	5.0
Habilitações Literárias do Pai	Até 1º ciclo	57	20.6
	Até 2º ciclo	25	9.0
	Até 3º ciclo	37	13.3
	Ensino Secundário	58	20.9
	Ensino Superior	100	3.2
Habilitações Literárias da Mãe	Até 1º ciclo	47	16.8
	Até 2º ciclo	31	11.2
	Até 3º ciclo	39	14
	Ensino Secundário	52	18.6
	Ensino Superior	110	39.4
Agregado familiar	Pais	57	20.5
	Mãe	16	5.8
	Pais, irmãos(s) e/ou avó(s)	173	62.2
	Mãe e irmão(s)	20	7.2
	Outros familiares	6	2.2
	Pai/mãe e madrasta/padrasto e irmão(s)	6	2.2
Irmãos M = 1.15, DP = 1.05	0	52	18.6
	1	165	58.9
	2	45	16.1
	3	13	4.6
	4	3	1.1
	5	1	0.4
	12	1	0.4
Deslocados	Sim	113	40.5
	Não	166	59.5

Nota: M = Média, DP = Desvio-padrão, F = frequência, % = percentagem válida.

No que concerne à existência de uma relação amorosa, interessa perceber a evolução desta entre o momento de entrada na faculdade até 6 a 8 meses depois da mesma. Assim, da primeira para a segunda administração, o número de participantes em relações amorosas aumentou (de 43.7% para 55.5%), a par de uma diminuição da representação de participantes nos restantes grupos, nomeadamente, participantes que já haviam tido relações amorosas mas não estavam numa no momento (de 29.2% para 25.5%), participantes que nunca haviam tido relacionamentos amorosos (de 18.8% para 13.9%) e participantes que relatavam relações ocasionais (de 8.3% para 5.15%). Denotou-se, também, um aumento do tempo de relação, que numa primeira administração se encontrava numa média de 14.1 meses de namoro (DP = 11.72), ao

passo que numa segunda administração a média subiu para 20.7 meses de namoro (DP = 16.9). De referir que os 38 participantes (7 rapazes e 31 raparigas) que nunca haviam tido relações amorosas na segunda administração, foram excluídos das análises referentes à vinculação amorosa.

2.2. Instrumentos

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM (Matos & Costa, 2001)

O Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Matos & Costa, 2001), é uma medida de autorrelato que se propõe avaliar as perceções dos jovens no que concerne às relações de vinculação aos pais, baseando-se nos pressupostos teóricos de Bowlby e Ainsworth, bem como na proposta de avaliação da vinculação de Bartholomew. O instrumento é constituído por 30 itens que avaliam 3 dimensões da vinculação aos pais, nomeadamente a *inibição da exploração e individualidade* (10 itens, e.g. “Os meus pais desencorajam-me quando quero experimentar uma coisa nova”), a *qualidade do laço emocional* (10 itens, e.g. “Confio nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida”) e a *ansiedade de separação* (10 itens, e.g. “Não sou capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais”), sendo que a resposta é efetuada recorrendo a uma escala de *Likert* de 6 pontos que varia entre “discordo totalmente” até “concordo totalmente”.

No que diz respeito às qualidades psicométricas do instrumento na sua versão final, testadas em múltiplos estudos com amostras diversas, este tem revelado sistematicamente valores apropriados de consistência interna nas diferentes dimensões, nomeadamente valores de *alpha de Cronbach* com uma variação entre .76 e .88, nas dimensões da vinculação à mãe, e entre .80 e .89, nas dimensões da vinculação ao pai. Também neste estudo, foram encontrados bons índices de consistência interna nas três dimensões, para a versão do pai e da mãe: *inibição da exploração e individualidade* ($\alpha = .87$ em ambos os progenitores), *qualidade do laço emocional* ($\alpha = .93$ e $\alpha = .88$, pai e mãe respetivamente) e *ansiedade de separação* ($\alpha = .85$ em ambos os progenitores).

Questionário de Vinculação Amorosa – QVA (Matos, Barbosa, & Costa, 2001)

Por forma a avaliar a relação amorosa de jovens adultos sob uma perspetiva de vinculação, utilizou-se o instrumento de autorrelato Questionário da Vinculação Amorosa desenvolvido pelos mesmos autores do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, e baseado em pressupostos teóricos equivalentes. Este questionário contempla 4 dimensões da vinculação amorosa, mais uma vez com uma consistência interna considerável, mais especificamente, a *confiança* ($\alpha = .90$; e.g. “A/O minha/meu namorada/o compreende-me.”), *dependência* ($\alpha = .88$; e.g. “Não sei o que me vai

acontecer se a nossa relação terminar.”), *evitamento* ($\alpha = .87$; e.g. “Na minha vida, a minha relação de namoro é secundária.”) e *ambivalência* ($\alpha = .75$; e.g. “Às vezes sinto admiração por ele/a; outras vezes não”). Mais uma vez, a resposta é feita recorrendo a uma escala de *Likert* de 6 pontos que varia entre “discordo totalmente” até “concordo totalmente”.

Para o estudo em questão, analisando a consistência interna das distintas dimensões nos diferentes momentos, encontraram-se bons valores do *alpha de Cronbach* na *confiança* ($\alpha = .92$), na *dependência* ($\alpha = .86$), no *evitamento* ($\alpha = .89$) e na *ambivalência* ($\alpha = .83$).

Erikson Psychosocial Inventory Scale – EPSI (Rosenthal, Gurney, & Moore, 1981).

O questionário *Erikson Psychosocial Inventory Scale* (Rosenthal, Gurney, & Moore, 1981) consiste num instrumento de autorrelato que se propõe medir o desenvolvimento psicossocial desde o início da adolescência, percorrendo os conflitos ou dialéticas subjacentes ao percurso desenvolvimental, examinando as primeiras 6 fases dos estádios psicossociais de Erikson. Assim, baseia-se nos pressupostos do autor suprarreferido, sendo que cada escala (ou estágio) se subdivide em 12 itens, metade refletindo uma resolução bem sucedida da crise e outra metade uma resolução desadaptativa. Para o estudo em questão interessa-nos unicamente o estágio da *intimidade*, que apresenta uma consistência interna modesta ($\alpha = .63$) e comporta itens como, por exemplo, “Sou caloroso/a e afável com as pessoas de quem gosto”. No entanto, para o estudo em questão, encontraram-se bons valores do *alpha de Cronbach* ($\alpha = .74$) que suportam a consistência interna da dimensão *intimidade*.

2.3. Procedimento

2.3.1. Recolha de dados

Os presentes dados foram recolhidos no âmbito do projeto de doutoramento “Vinculação, desenvolvimento psicossocial e adaptação à Universidade: Dinâmicas de regulação emocional e coping” (Cabral, 2011), realizado no âmbito do Programa Formação Avançada de Recursos Humanos (Bolsas individuais de Doutoramento, Referência de Bolsa: SFRH/BD/18357/2004) e do Projeto de Investigação e Desenvolvimento (Referência: PTDC/PSI/65416/2006), financiados pelos Programas Operacionais Ciência, Tecnologia, Inovação (POCTI) e Programa Operacional Sociedade da Informação (POSI), comparticipados pelo Fundo Social Europeu e por Fundos Nacionais do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Tendo como objetivo aceder aos estudantes universitários, os dados foram recolhidos em contexto de sala de aula em instituições de ensino superior, com a

colaboração dos docentes ou das comissões de praxe e dirigentes associativos, na presença de um responsável pela administração dos questionários. Foram apresentados os objetivos e o âmbito longitudinal do estudo e foi garantido o caráter voluntário da participação, bem como a confidencialidade dos dados recolhidos, embora alguns dados identificativos tenham sido recolhidos para emparelhamento dos dados na segunda administração. As duas administrações consideradas ocorreram no início do ano letivo (Setembro e Outubro de 2005) e 6 a 8 meses mais tarde (Abril e Maio de 2006), respetivamente. Uma última recolha foi efetuada no final do ano letivo seguinte (entre Março e Junho de 2007), mas estes dados não foram considerados no presente estudo dada a mortalidade existente e as limitações na dimensão da amostra final.

2.3.2. Análise de dados

A análise de dados foi efetuada com recurso ao programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 23.0 para *Windows*. Relativamente a procedimentos estatísticos foram utilizadas análises descritivas, comparação de médias por testes t de amostras independentes e de amostras emparelhadas, análises correlacionais, análises de regressão linear múltipla e análises de regressão múltipla hierárquica.

Todas as variáveis foram analisadas, sendo testados os pressupostos de normalidade, através da assimetria, da curtose e do teste *Shapiro-Wilk*. Uma vez que os testes paramétricos se têm vindo a revelar robustos com valores de assimetria até 3 e de curtose até 10 (Marôco, 2011), e não se tendo verificado valores que ultrapassassem este valores limite, recorreu-se à utilização dos testes paramétricos. Mais ainda, os pressupostos inerentes à análise de regressão linear múltipla e de regressão múltipla hierárquica também foram assegurados, nomeadamente, normalidade da distribuição dos erros, linearidade, homoscedasticidade, independência dos erros (Durbin-Watson) e ausência de multicolinearidade.

Capítulo III: Resultados

1. Análises exploratórias

1.1. Pertinência da análise da vinculação ao pai e à mãe de forma diferenciada para explicar a intimidade

Primeiramente, por forma a perceber a pertinência da análise da vinculação ao pai e à mãe de forma diferenciada, em detrimento da análise da vinculação compósita a ambos os progenitores, recorreu-se a uma análise de regressão múltipla hierárquica com a vinculação aos pais de forma compósita, seguida da vinculação ao pai e à mãe de forma independente (num segundo bloco), como preditores da variável *intimidade*.

Verificou-se que o modelo de predição da vinculação compósita explica 8.5% ($p = .000$) da variância da *intimidade*, sendo que a vinculação ao pai e à mãe representa um acréscimo significativo de 5.9% ($p = .001$) de variância explicada. O modelo no seu todo explica 14.4%% da variância na *intimidade* [$F(6.248) = 6.941, p = .000$].

Posto isto, nas análises subsequentes utilizar-se-á a vinculação ao pai e a vinculação à mãe de forma independente, tendo em conta os resultados descritos, permitindo contemplar as especificidades da vinculação a ambos os progenitores.

1.2. Análises de diferenças de género

Por forma a perceber as diferenças de género na qualidade da vinculação aos pais, no desenvolvimento psicossocial na dimensão de intimidade e na qualidade da vinculação ao par romântico, num primeiro momento do estudo (à entrada no ensino superior), foram efetuados testes t de amostras independentes.

Assim, no que concerne à vinculação aos pais, rapazes e raparigas não diferem relativamente à dimensão *inibição da exploração e individualidade*, quer na vinculação ao pai quer na vinculação à mãe. Contudo, verificaram-se diferenças significativas na *qualidade do laço emocional* [$t(144) = -2.65$ – vinculação ao pai; $t(141) = -3.76$ – vinculação ao mãe] e na *ansiedade de separação* [$t(151) = -4.15$ – vinculação ao pai; $t(160) = -4.68$ – vinculação ao mãe]. A magnitude das diferenças entre géneros é fraca para a *qualidade do laço emocional* ($\eta^2 = .026$ – vinculação ao pai; $\eta^2 = .048$ – vinculação à mãe) e moderada para a *ansiedade de separação* ($\eta^2 = .062$ – vinculação ao pai; $\eta^2 = .073$ – vinculação à mãe). Em ambas as dimensões as raparigas apresentam valores mais elevados do que os rapazes (tabela 2).

Tabela 2. *Médias, desvios-padrão e valores de significância relativamente às diferenças de género na qualidade de vinculação aos pais no primeiro momento.*

	Vinculação ao Pai (M, DP)			Vinculação à Mãe (M, DP)		
	Rapazes	Raparigas	<i>p</i>	Rapazes	Raparigas	<i>p</i>
Inibição da exploração e individualidade	2.96 (.87)	2.77 (.98)	ns	2.86 (.80)	2.83 (.97)	ns
Qualidade do laço emocional	4.86 (.78)	5.15 (.84)	.009	5.09 (.58)	5.38 (.59)	.000
Ansiedade de separação	3.14 (.79)	3.60 (.89)	.000	3.28 (.77)	3.78 (.89)	.000

Nota: M = Média, DP = Desvio-padrão, p = significância.

Quanto à vinculação ao par amoroso, rapazes e raparigas diferem apenas nas dimensões *confiança* [$t(143) = -3.77$, $p = .000$, $\eta^2 = 0.049$] e *evitamento* [$t(157) = 2.93$, $p = .004$, $\eta^2 = 0.030$], com valores de *confiança* superiores nas raparigas, e valores de *evitamento* superiores nos rapazes (tabela 3).

Tabela 3. *Médias, desvios-padrão e valores de significância relativamente às diferenças de género na qualidade de vinculação ao par amoroso no primeiro momento.*

	Sexo Masculino (M, DP)	Sexo Feminino (M, DP)	<i>p</i>
Confiança	4.76 (.70)	5.12 (.71)	.000
Dependência	3.25 (.56)	3.17 (.83)	ns
Evitamento	2.75 (.74)	2.45 (.83)	.004
Ambivalência	2.66 (.85)	2.48 (.90)	ns

Nota: M = Média, DP = Desvio-padrão, p = significância.

No que concerne à dimensão *intimidade*, não se verificaram diferenças significativas [$t(138) = -1.64$, $p = .104$] entre rapazes ($M = 4.35$, $DP = .65$) e raparigas ($M = 4.49$, $DP = .64$).

Foram ainda testadas diferenças de género no que concerne à duração da relação no segundo momento, visto que a vinculação amorosa será analisada nesse mesmo momento, recorrendo-se a um teste t de amostras independentes. Verificaram-se diferenças significativas entre rapazes e raparigas [$t(206) = -3.69$], com as raparigas ($M = 23.37$; $DP = 13.97$) com uma média de duração de relação mais elevada do que os rapazes ($M = 23.37$; $DP = 17.31$).

1.3. Mudança na vinculação aos pais, na intimidade e na vinculação amorosa na entrada no ensino superior

Com o objetivo de analisar a mudança na qualidade da vinculação aos pais, no desenvolvimento psicossocial (na dimensão de *intimidade*) e na qualidade da vinculação ao par romântico ao longo do tempo, foi efetuado um teste t para amostras emparelhadas que permitisse comparar o momento 1 (à entrada no ensino superior) e o momento 2 (no final do 1º ano do curso), para ambos os sexos.

Analizando as diferenças entre os dois momentos na vinculação a ambos os progenitores, no **sexo feminino** evidenciaram-se diferenças significativas entre o primeiro momento e o segundo em todas as dimensões, ainda que a magnitude possa ser considerada fraca nas diferentes dimensões da vinculação à mãe e ao pai, excetuando uma magnitude moderada na dimensão *ansiedade de separação* na vinculação ao pai. Por sua vez, no **sexo masculino**, o padrão é muito díspar, sendo que na vinculação ao pai existem diferenças significativas do primeiro para o segundo momento na *inibição da exploração e individualidade* (magnitude fraca) e na *ansiedade de separação* (magnitude moderada), mas não na *qualidade do laço emocional*. Contudo, e ainda nos rapazes, considerando as dimensões da vinculação à mãe, existem diferenças significativas entre os dois momentos na *qualidade do laço emocional* e na *ansiedade de separação* (ambos de magnitude moderada), mas não na *inibição da exploração e individualidade*. Em todas as dimensões se verificou um decréscimo dos valores, tanto nas raparigas como nos rapazes.

Em suma, do primeiro para o segundo momento, os valores das dimensões da vinculação ao pai e à mãe refletem um decréscimo total (em todas as dimensões) no que diz respeito às raparigas, visto que nos rapazes as dimensões *qualidade do laço emocional* na vinculação ao pai e *inibição da exploração e da individualidade* na vinculação à mãe não revelam diferenças significativas do primeiro para o segundo momento (tabela 4).

Tabela 4. Diferenças na *vinculação ao pai e à mãe desde a entrada na faculdade até 6 a 8 meses após a mesma: teste t de amostras emparelhadas.*

			Momento 1 (M, DP)	Momento 2 (M, DP)	t(73)	η ²
Sexo Masculino	Pai	Inibição da exploração e individualidade	2.96 (.87)	2.81 (.82)	2.10*	.056
		Qualidade do laço emocional	4.86 (.78)	4.75 (.72)	ns	ns
		Ansiedade de separação	3.14 (.79)	2.92 (.80)	2.86**	.101
	Mãe				t(77)	η ²
		Inibição da exploração e individualidade	2.86 (.80)	2.80 (.88)	ns	ns
		Qualidade do laço emocional	5.09 (.58)	4.90 (.69)	2.56*	.078
		Ansiedade de separação	3.28 (.77)	3.06 (.79)	2.84**	.095

Sexo Feminino	Pai	Inibição da exploração e individualidade	2.77 (.98)	2.65 (.94)	t(185)	η ²
					1.99*	.021
	Mãe	Inibição da exploração e individualidade	2.83 (.97)	2.68 (.87)	t(201)	η ²
					2.51*	.030
		Qualidade do laço emocional	5.15 (.84)	5.01 (.96)	3.24**	.054
		Ansiedade de separação	3.60 (.89)	3.42 (.95)	3.99***	.079
		Qualidade do laço emocional	5.38 (.59)	5.30 (.64)	2.31*	.026
		Ansiedade de separação	3.78 (.89)	3.62 (.90)	3.48**	.057

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$, ns=não significativo; Nota: M = Média, DP = Desvio-padrão.

Considerando o desenvolvimento psicossocial, não se verificaram diferenças significativas do primeiro para o segundo momento no que concerne à tarefa *intimidade*, seja nas raparigas (M = 4.49, DP = .64 – 1º momento; M = 4.49, DP = .73 – 2º momento) seja nos rapazes (M = 4.35, DP = .65 – 1º momento; M = 4.36, DP = .72 – 2º momento).

Relativamente à vinculação ao par romântico, verificaram-se diferenças significativas do primeiro para o segundo momento de magnitude fraca e apenas nas dimensões *confiança* (decréscimo) e *ambivalência* (aumento), mas apenas nas raparigas (tabela 5).

Tabela 5. Diferenças na *vinculação amorosa desde a entrada na faculdade até 6 a 8 meses após a mesma: teste t de amostras emparelhadas.*

		Momento 1 (M, DP)	Momento 2 (M, DP)	t(77)	η ²
Rapazes	Confiança	4.76 (.70)	4.70 (.68)	ns	ns
	Dependência	3.25 (.56)	3.21 (.66)	ns	ns
	Evitamento	2.75 (.74)	2.73 (.79)	ns	ns
	Ambivalência	2.66 (.85)	2.70 (.71)	ns	ns
Raparigas	Confiança	5.12 (.71)	4.96 (.66)	2.81**	.038
	Dependência	3.17 (.83)	3.10 (.78)	ns	ns
	Evitamento	2.45 (.83)	2.45 (.78)	ns	ns
	Ambivalência	2.48 (.90)	2.65 (.70)	-2.48*	.030

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$, ns=não significativo; Nota: M = Média, DP = Desvio-padrão.

1.4. A relação entre a vinculação aos pais, ao par amoroso e a intimidade

Por forma a perceber de que forma se associam as variáveis em estudo, nomeadamente a vinculação aos pais e a vinculação ao par amoroso, bem como a vinculação aos pais e a intimidade, procedeu-se a uma análise correlacional (tabela 6).

Tabela 6: Coeficientes de correlação referentes às variáveis relativas à vinculação ao pai e à mãe, à vinculação amorosa e à intimidade.

		Vinculação Amorosa				Intimidade
		Confiança	Dependência	Evitamento	Ambivalência	
Sexo Masculino	Vinculação ao Pai	IEI	ns	ns	ns	ns
		QLE	ns	.287*	ns	ns
		AS	ns	.299*	ns	ns
	Vinculação à Mãe	IEI	ns	ns	.288*	ns
		QLE	ns	ns	-.320*	ns
		AS	ns	ns	ns	ns
	Vinculação Amorosa	Confiança	1	-.526***	-.756***	.512***
		Dependência		1	ns	ns
		Evitamento			1	-.464***
		Ambivalência				1
Sexo Feminino	Vinculação ao Pai	IEI	ns	ns	.206*	ns
		QLE	ns	ns	ns	ns
		AS	ns	.242**	ns	ns
	Vinculação à Mãe	IEI	-.222**	ns	ns	ns
		QLE	.368***	ns	ns	.218**
		AS	ns	.307***	ns	ns
	Vinculação Amorosa	Confiança	1	ns	-.563***	-.698***
		Dependência		1	ns	ns
		Evitamento			1	-.303***
		Ambivalência				1

Nota: IEI – Inibição d Exploração e da Individualidade, QLE – Qualidade do Laço Emocional, AS – Ansiedade de Separação; * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$, ns = não significativo.

Relativamente à associação entre vinculação ao pai e à mãe e vinculação ao par amoroso, nos rapazes e no que concerne à dimensão *confiança*, não se verificam correlações significativas. Quanto à *dependência*, verifica-se uma correlação positiva desta com a *qualidade do laço emocional* ($R^2 = .287$, $p = .026$) e *ansiedade de separação* ($R^2 = .299$, $p = .020$) ao pai. Relativamente ao *evitamento*, esta dimensão correlaciona-se negativamente com a *qualidade do laço emocional* ao pai e à mãe ($R^2 = -.385$, $p = .002$; $R^2 = -.320$, $p = .013$, respetivamente) e positivamente com a *inibição da exploração e individualidade* na vinculação à mãe ($R^2 = .288$, $p = .026$). No que concerne à *ambivalência*, esta correlaciona-se apenas com a *qualidade do laço emocional* na vinculação à mãe ($R^2 = -.289$, $p = .025$).

Quanto ao sexo feminino, e ainda relativamente à associação entre vinculação ao pai e à mãe e vinculação ao par amoroso não se verificaram correlações significativas no que diz respeito à dimensão *evitamento*. Quanto à *confiança*, verifica-se uma correlação negativa desta com a *inibição da exploração e individualidade* ($R^2 = -.222$, $p = .008$) e positiva com a *qualidade do laço emocional* ($R^2 = .368$, $p = .000$) à mãe. Relativamente à *dependência*, esta dimensão correlaciona-se positivamente com a *ansiedade de separação* ao pai e à mãe ($R^2 = .242$, $p = .004$; $R^2 = .307$, $p = .000$, respetivamente). No que concerne à *ambivalência*, esta correlaciona-se

(positivamente) apenas com a *inibição da exploração e individualidade* na vinculação ao pai ($R^2 = .206$, $p = .014$).

No que diz respeito à variável *intimidade*, importa verificar a associação não só com a vinculação ao pai e à mãe, mas também com a vinculação ao par romântico. No sexo masculino, verificamos apenas uma correlação (negativa) com a vinculação aos pais, nomeadamente com a dimensão *inibição da exploração e individualidade* na vinculação à mãe ($R^2 = -.271$, $p = .036$). Quando consideramos as associações da *intimidade* com a vinculação amorosa, verificamos valores mais robustos, verificando-se correlações positivas com a *confiança* ($R^2 = .512$, $p = .000$) e negativas com a *dependência* ($R^2 = -.464$, $p = .000$) e com o *evitamento* ($R^2 = -.512$, $p = .000$).

Nas raparigas encontramos um padrão similar, com apenas uma correlação (positiva) com a vinculação aos pais, nomeadamente com a dimensão *qualidade do laço emocional* na vinculação à mãe ($R^2 = .218$, $p = .009$). Quando consideramos as associações da *intimidade* com a vinculação amorosa, verificamos um maior número de associações, sendo que a *intimidade* se encontra correlacionada positivamente com a *confiança* ($R^2 = .314$, $p = .000$) e negativamente com o *evitamento* ($R^2 = -.303$, $p = .000$) e com a *ambivalência* ($R^2 = -.309$, $p = .000$).

2. Testes de hipóteses

2.1. Influência da vinculação aos pais na vinculação ao par amoroso.

Por forma a perceber de que forma as variáveis independentes do estudo se associam, procedeu-se a uma análise por regressão linear múltipla, com o objetivo de verificar se a vinculação aos pais no primeiro momento do estudo prediz a vinculação amorosa no segundo momento (H1).

No que concerne ao sexo masculino, a vinculação ao pai prediz a dimensão de *dependência* ($R^2 = .148$, $p < .05$), através do contributo da *ansiedade de separação* ($\beta = .277$, $p = .038$); bem como a dimensão *evitamento* ($R^2 = .250$, $p < .01$), através do contributo da *qualidade do laço emocional* ($\beta = -.570$, $p = .000$) e, de forma marginalmente significativa, da *ansiedade de separação* ($\beta = .243$, $p = .053$); e, também, a dimensão *ambivalência* ($R^2 = .262$, $p < .001$), através do contributo da *qualidade do laço emocional* ($\beta = -.481$, $p = .001$) e da *ansiedade de separação* ($\beta = .436$, $p = .001$). A vinculação ao pai nos rapazes não se revela preditora da dimensão *confiança*. Quanto à vinculação à mãe, esta prediz a dimensão de *evitamento* ($R^2 = .212$, $p < .01$), através da *qualidade do laço emocional* ($\beta = -.426$, $p = .002$); bem como a dimensão *ambivalência* ($R^2 = .233$, $p < .01$), através do contributo da *qualidade do laço emocional* ($\beta = -.454$, $p = .001$) e da *ansiedade de separação* ($\beta = .245$, $p = .045$).

A vinculação à mãe nos rapazes não se revela preditora das dimensões de *confiança* nem de *dependência* nos rapazes.

Em suma, nos rapazes, uma maior *dependência* na vinculação ao par amoroso parece ser predita por uma maior *ansiedade de separação* ao pai, sendo que a vinculação à mãe não revela um efeito significativo nesta dimensão. Altos valores de *evitamento* parecem ser preditos por baixos valores de *qualidade do laço emocional* (ao pai e à mãe) e altos valores de *ansiedade de separação* ao pai. Quanto à dimensão *ambivalência*, quanto mais altos os valores nesta dimensão, menor a *qualidade do laço emocional* e maior a *ansiedade de separação* (ao pai e à mãe). Por fim, a *confiança* ao par amoroso não é predita pela vinculação ao pai ou à mãe.

No que diz respeito às raparigas, a vinculação ao pai prediz a dimensão de *dependência* ($R^2 = .142$, $p < .001$), através da *qualidade do laço emocional* ($\beta = -.292$, $p = .004$) e da *ansiedade de separação* ($\beta = .440$, $p = .000$); bem como a dimensão *Ambivalência* ($R^2 = .058$, $p < .05$), através do contributo da *inibição da exploração e da individualidade* ($\beta = .243$, $p = .005$). A vinculação ao pai nas raparigas não se revela preditora das dimensões de *confiança* nem de *evitamento*.

Quanto à vinculação à mãe, esta prediz a dimensão de *confiança* ($R^2 = .151$, $p < .001$), através da *qualidade do laço emocional* ($\beta = .362$, $p = .000$); bem como a dimensão *dependência* ($R^2 = .141$, $p < .001$), através do contributo da *ansiedade de separação* ($\beta = .419$, $p = .000$); e, ainda, a dimensão *ambivalência* ($R^2 = .048$, $p < .05$), sem se verificar um contributo significativo das dimensões em particular. A vinculação à mãe nas raparigas não se revela preditora do *evitamento* na vinculação amorosa.

Em suma, nas raparigas, uma maior *confiança* ao par amoroso parece ser predita por uma maior *qualidade do laço emocional* na vinculação à mãe. Quanto à *dependência*, quanto maiores os valores nesta dimensão, maiores os valores de *ansiedade de separação* (ao pai e à mãe) e menores os valores de *qualidade do laço emocional* na vinculação ao pai. Por fim, a *ambivalência* parece ser predita por altos valores de *inibição da exploração e individualidade* na vinculação ao pai, sendo que a vinculação à mãe também prediz esta dimensão, embora sem o contributo de determinada dimensão em específico. O *evitamento* ao par amoroso nas raparigas não parece ser predito pela vinculação aos pais.

2.2. *Influência da vinculação amorosa na intimidade para além da vinculação aos pais.*

Por forma a testar a hipótese segundo a qual se espera que, controlando o efeito da vinculação aos pais (considerando as dimensões de *inibição da exploração e individualidade*, *qualidade do laço emocional* e *ansiedade de separação*), níveis

superiores de segurança na vinculação ao par romântico (considerando as dimensões de *confiança*, *dependência*, *evitamento* e *ambivalência*) seriam preditivos de níveis superiores de desenvolvimento da intimidade (H2), recorreu-se a uma análise de regressão hierárquica.

No que concerne ao sexo masculino, o modelo total que inclui a vinculação ao pai e ao par amoroso é significativo [$F(7.57) = 6.88, p = .000$], predizendo 45% da variância na *intimidade*. A vinculação ao pai de forma isolada contribui marginalmente para a variância na *intimidade* ($R^2 = .105, p = .078$). Deste modo, a vinculação ao par amoroso tem uma contribuição significativa ($p = .000$), representando uma percentagem adicional de 35.3% de variância na *intimidade*. As variáveis que contribuíram significativamente foram a *confiança* ($\beta = .357; p = .031$), a *dependência* ($\beta = -.332; p = .011$) e o *evitamento* ($\beta = -.405; p = .008$).

Por sua vez, o modelo total que inclui a vinculação à mãe e ao par amoroso também é significativo [$F(7.60) = 7.960, p = .000$], predizendo 48.2% da variância na *intimidade*, sendo que a vinculação à mãe de forma isolada contribui significativamente esta variância ($R^2 = .146, p = .017$). A vinculação ao par amoroso tem, mais uma vez, uma contribuição significativa ($p = .000$), representando uma percentagem adicional de 33.5% de variância na *intimidade*. Contribuíram significativamente a *confiança* ($\beta = .342, p = .035$), a *dependência* ($\beta = -.285, p = .014$) e o *evitamento* ($\beta = -.374, p = .008$).

Em suma, nos rapazes, a *intimidade* parece ser predita em larga medida pela vinculação ao par amoroso, para além da vinculação ao pai ou à mãe. Mais especificamente, altos valores de *intimidade* são preditos por altos valores de *confiança* e baixos valores de *dependência* e *evitamento* na vinculação amorosa. A vinculação aos pais, ainda assim, tem efeito preditivo na *intimidade* nos rapazes. O efeito da vinculação aos pais na *intimidade* revela-se no seu todo, sem o contributo específico de determinada dimensão.

No que concerne ao sexo feminino, o modelo total que inclui a vinculação ao pai e ao par amoroso é significativo [$F(7.140) = 7.194, p = .000$], predizendo 26.5% da variância na *intimidade*, sendo que a vinculação ao pai de forma isolada contribui marginalmente para esta variância ($R^2 = .051, p = .057$). Deste modo, a vinculação ao par amoroso tem uma contribuição significativa ($p = .000$), representando uma percentagem adicional de 21.4% de variância na *intimidade*. As variáveis que contribuíram significativamente tratam-se da *qualidade do laço emocional* ($\beta = .202, p = .043$), da *dependência* ($\beta = -.356, p = .000$) e do *evitamento* ($\beta = -.387, p = .000$).

O modelo total que inclui a vinculação à mãe e ao par amoroso é significativo [$F(7.153) = 7.989, p = .000$], predizendo 26.8% da variância na *intimidade*, sendo que a vinculação à mãe de forma isolada contribui significativamente para esta variância ($R^2 = .137, p = .000$). Deste modo, a vinculação ao par amoroso tem uma contribuição significativa ($p = .000$), representando uma percentagem adicional de 13% de variância na *intimidade*. As variáveis que contribuíram significativamente tratam-se da *qualidade do laço emocional* ($\beta = .350, p = .000$), da *dependência* ($\beta = -.257, p = .006$) e do *evitamento* ($\beta = -.347, p = .001$).

Em síntese, nas raparigas, a *intimidade* parece ser predita pela vinculação ao par amoroso, para além da vinculação ao pai ou à mãe. Mais especificamente, altos valores de *intimidade* são preditos por baixos valores de *dependência* e *evitamento* na vinculação amorosa. Contudo, a vinculação à mãe e ao pai tem efeito preditivo na *intimidade* nas raparigas, com o contributo de maiores valores de *qualidade do laço emocional*. Ressalva-se, ainda, o papel da vinculação à mãe que se equipara ao da vinculação amorosa, ao passo que a vinculação ao pai representa menor poder preditivo em comparação com as dimensões da vinculação ao par amoroso.

De referir que foram testados, ainda, dois modelos de regressão múltipla hierárquica no qual foi incluída a *duração da relação* como preditor. Um deles previa num primeiro bloco a vinculação aos pais, num segundo a vinculação amorosa e num terceiro a duração da relação a predizer a *intimidade*. Seguidamente, testou-se um modelo no qual foi excluída a vinculação amorosa, ficando num primeiro bloco a vinculação aos pais e num segundo a duração da relação a predizer a *intimidade*. Em nenhum dos modelos se verificou que a duração da relação fosse significativa na predição da *intimidade*. Por fim, efetuou-se uma regressão linear múltipla por forma a perceber se a duração da relação por si só predizia a *intimidade*, algo que se verificou apenas para o sexo masculino ($R^2 = .170, p = .000$).

Capítulo IV: Discussão de Resultados, implicações e conclusões

1. Discussão de Resultados

Com o objetivo de alargar a compreensão do papel de diferentes figuras de vinculação no desenvolvimento psicossocial do adulto emergente, considerou-se a influência das diferentes dimensões da vinculação amorosa (nomeadamente *confiança*, *dependência*, *evitamento* e *ambivalência*) e da vinculação ao pai e à mãe (tendo em conta as dimensões *inibição da exploração e individualidade*, *qualidade do laço emocional* e *ansiedade de separação*) na resolução da tarefa intimidade.

Importa começar por referir que se optou por valorizar a vinculação dos/as filhos/as a ambos os pais, tendo em conta que as relações mãe-criança e pai-criança divergem qualitativamente (Pleck, 2010; Waters & Cummings, 2000, citado por Veríssimo et al., 2006), considerando a amplitude das relações em todo o contexto familiar. Foi também considerado o género dos filhos na compreensão destes processos, considerando-se que as relações com ambas as figuras parentais podem assumir contornos diferentes para raparigas e rapazes. Em relação à influência relativa de cada uma das figuras de vinculação parental, verificou-se que depois de controlado o efeito conjunto da vinculação aos pais (através de variáveis compósitas baseadas no cálculo de uma média dos *scores* para o pai e mãe), as variáveis da vinculação ao pai e à mãe (consideradas de forma separada) contribuíram adicionalmente para a explicação do desenvolvimento da intimidade. Deste modo, para compreendermos melhor o papel da vinculação às diferentes figuras emocionalmente significativas na construção da intimidade na adultez emergente, importa pois atender à especificidade do papel materno e paterno e às implicações distintas que estes terão para rapazes e raparigas nesta etapa desenvolvimental.

Começou-se por explorar a existência de diferenças de género quanto às dimensões em estudo, com as raparigas a evidenciarem maior *qualidade do laço emocional* e *ansiedade de separação* na vinculação ao pai e à mãe, o que poderá estar associado a uma maior valorização das dimensões emocionais e expressivas (Johnson, 2004), não se distinguindo na *inibição da exploração e individualidade*, possivelmente pelos desafios à exploração e à individualidade que esta fase colocam a ambos, nesta etapa de transição.

Quanto à vinculação ao par amoroso, foi possível perceber que as raparigas evidenciam maior *confiança* e os rapazes mais *evitamento*, refletindo de certa forma a socialização associada aos papéis tradicionais de género, ainda que não se distingam uns e outros quanto à *dependência* ou à *ambivalência*. De facto, tais diferenças já foram descritas na literatura (e.g. Hazan & Shaver, 1994). Mais concretamente, num

estudo de Rocha (2008) evidenciaram-se resultados semelhantes, com valores mais elevados de *confiança* ao par amoroso nas raparigas e valores mais elevados de *evitamento* nos rapazes, embora neste estudo a *dependência* também se tenha destacado como mais elevada nas raparigas.

As diferenças acima referidas não parecem refletir-se na tarefa da intimidade em termos do desenvolvimento psicossocial, tal como avaliada no presente estudo. Efetivamente, a intimidade no que concerne à capacidade de partilha do *self* com o outro (seja com os pares, par romântico ou outra figura significativa) sem o medo de perder algo de si mesmo (Erikson, 1968, citado por Arseth et al., 2009), remete não só para características da intimidade num sentido lato, como para características desenvolvimentais no sentido da autoconsciência, interesse genuíno nos demais e abertura às figuras significativas (Orlofsky et al., 1973). Deste modo, rapazes e raparigas podem não diferir no nível de desenvolvimento psicossocial (Tesch & Whitbourne, 1982), mas sim, na especificidade dos seus contornos (Arseth et al., 2009; Hodgson & Fischer, 1979). De referir, ainda, que o instrumento utilizado, *Erikson Psychosocial Inventory Scale* (Rosenthal et al., 1981), avalia a resolução da tarefa de identidade e intimidade num sentido mais genérico, podendo não ser sensível a possíveis diferenças de género.

Mas mais interessante que a identificação destas diferenças no momento inicial do estudo, correspondendo ao estabelecimento de uma *baseline*, foi perceber o modo como estas dimensões parecem evoluir de forma diferencial ao longo da transição para o ensino superior. Assim, se as raparigas evidenciam uma redução geral e subtil nas diferentes dimensões da vinculação aos pais ao longo deste período, nos rapazes esta diminuição não se denota tão generalizada nem subtil.

No caso das raparigas, os resultados foram ao encontro da evidência empírica, visto que uma diminuição da centralidade da vinculação aos pais parece ser comum e típico para as raparigas nesta faixa etária (Rocha, 2008). Efetivamente, a proporção de raparigas que procura proximidade à mãe em detrimento de outras figuras de vinculação parece decrescer com a idade, revelando-se o papel facilitador do par romântico na extensão das componentes de vinculação (Mota & Rocha, 2012; Rocha, 2008). Na adultez emergente, os pares e par amoroso destacam-se na sua relevância, passando a configurar, progressivamente, as funções de base segura previamente associadas às figuras primárias (Bartholomew, 1990; Fraley & Davis, 1997; Rocha, 2008). Deste modo, as figuras parentais são posicionadas numa hierarquia de figuras de vinculação que, com o aproximar da idade adulta, se vai (re)configurando (Allen & Land, 1999; Bowlby, 1969/1982; Fraley & Davis, 1997; Hazan & Shaver, 1994).

No que concerne aos rapazes, estes evidenciam uma redução da *ansiedade de separação* em relação a ambas as figuras parentais, o que se coaduna com o processo anteriormente descrito. Contudo, a *inibição da exploração e da individualidade* apenas diminui em termos da vinculação ao pai e a *qualidade do laço emocional* apenas diminui face à figura materna.

Analisando com maior minúcia estes resultados do sexo masculino, percebemos que a *baseline* de *inibição da exploração e individualidade* na vinculação ao pai é superior à da vinculação à mãe, sendo que os valores do pai nesta dimensão decrescem no segundo momento, indo ao encontro dos valores encontrados na relação com a mãe, que se mantiveram ao nível dos encontrados na *baseline*. O mesmo fenómeno se verifica para a *qualidade do laço emocional* que se revela, no primeiro momento, mais reduzida em relação ao pai do que em relação à mãe, sendo que ao longo do tempo a *qualidade do laço emocional* à mãe decresce indo ao encontro dos valores do pai. Assim, as dimensões com mais centralidade paterna (*inibição da exploração e individualidade*) e materna (*qualidade do laço emocional*) parecem ser aquelas que se revelam significativas ao longo do tempo. Tal poderá estar associado aos papéis tradicionais associados às figuras parentais em que a mãe assume preferencialmente funções emocionais (associando-se à *qualidade do laço emocional*) ligadas ao “mundo interno” e o pai funções associadas à exploração do meio (associando-se à *inibição da exploração e individualidade*), ou ao “mundo externo” (Paquette, 2004; Steele, Steele & Fonagy, 1996, citado por Veríssimo et al., 2011). Assim, pela sua centralidade, poderão ser mais sensíveis ao impacto da transição para esta nova etapa desenvolvimental associada à adultez emergente.

Nas raparigas, todas as dimensões da vinculação aos pais decrescem de forma subtil. O processo de alargamento da rede de vinculação é descrito como tendo início em *meados* da adolescência nas raparigas. Já nos rapazes a relevância de novas figuras de vinculação (pares e par amoroso) apenas ganha peso mais tardiamente, no final da adolescência (Nomaguchi, 2008; Rocha, 2008). Nos rapazes, os decréscimos mais acentuados, comparativamente com os subtis encontrados nas raparigas, poderão estar associados com a maior recência deste processo sendo consideráveis as diferenças verificadas num período temporal de 6 a 8 meses.

Relativamente à vinculação ao par amoroso, as mudanças ao longo da entrada no ensino superior foram fracas e observadas apenas nas raparigas. Verifica-se assim uma redução da *confiança* e aumento da experiência de *ambivalência*, sugerindo um decréscimo da segurança nas relações amorosas que se poderá associar aos desafios acrescidos que a transição para o ensino superior coloca à vinculação ao par amoroso. No entanto, este impacto não parece refletir-se ao nível da intimidade,

possivelmente pelo período de tempo decorrido de 6 a 8 meses ser insuficiente para que mudanças significativas ocorram neste constructo. Na verdade, apesar de se tratarem de adultos emergentes, a própria experiência universitária e a respetiva transição poderá ainda confrontar estes jovens mais com questões identitárias do que propriamente relativas à intimidade, em particular nesta fase inicial de adaptação a este novo contexto (Cabral, 2011; Chickering, 1969; Pittman, et al., 2011). Mais, ainda, num estudo de Whitbourne e Tesch (1985) efetuado com estudantes e ex-estudantes universitários verificou-se que a identidade e a intimidade aumentam, efetivamente, com a idade.

Avançando para a análise da primeira hipótese, e tendo em conta a relação esperada entre a vinculação aos pais e ao par amoroso, podemos considerar que esta foi apenas parcialmente confirmada, pois se é verdade que foi observado o valor preditivo de dimensões específicas da vinculação aos pais em relação às dimensões da vinculação amorosa, estes valores foram modestos e apenas em relação a determinados componentes destas variáveis. Adicionalmente, o modelo de relação entre estas variáveis surgiu como distinto para rapazes e raparigas.

Assim, observou-se nos rapazes que uma maior *dependência* na vinculação ao par amoroso parece ser predita pela maior *ansiedade de separação* ao pai e o *evitamento* parece ser predito por baixos valores de *qualidade do laço emocional* (ao pai e à mãe) e altos valores de *ansiedade de separação* ao pai. Adicionalmente, quanto maior a *ambivalência* na vinculação ao par amoroso, menor a *qualidade do laço emocional* e maior a *ansiedade de separação* (ao pai e à mãe). Por fim, a *confiança* ao par amoroso não parece ser predita pela vinculação ao pai ou à mãe.

Quanto às raparigas, a *confiança* ao par amoroso parece ser predita pela *qualidade do laço emocional* na vinculação à mãe, e a *dependência* pela *ansiedade de separação* (ao pai e à mãe) e pior *qualidade do laço emocional* ao pai. Por fim, a *ambivalência* parece ser predita pela *inibição da exploração e individualidade* do pai, e globalmente pela vinculação à mãe. No caso das raparigas, é o *evitamento* ao par amoroso que não parece ser predito pela vinculação aos pais.

Ainda que uma análise detalhada destas associações e (des)continuidades não seja objetivo do presente estudo, destaca-se que de um modo geral a in/segurança nas dimensões da vinculação aos pais prediz a in/segurança nas dimensões da vinculação ao par amoroso.

Ademais, a proximidade concetual entre as medidas de vinculação aos pais e ao par amoroso que, desde logo, contribuem para a associação próxima entre as dimensões, como é o caso da ligação observada entre a *ansiedade de separação* ao pai e/ou à mãe e a *dependência* ao par amoroso (tal como foi proposto pelas próprias

autoras dos instrumentos utilizados para avaliar estas dimensões, Matos, Barbosa, & Costa, 2001), ou da capacidade preditiva da *qualidade do laço emocional e da ansiedade de separação* ao pai e à mãe face ao *evitamento* e/ou à *ambivalência* ao par amoroso. Estes resultados poderão ser lidos à luz das perspetivas clássicas da vinculação de acordo com as quais os modelos internos tendem a gozar de alguma estabilidade, funcionando como base para definir expectativas e comportamentos de vinculação face a outros contextos relacionais (Ainsworth et al., 1978; Bowlby, 1980). No entanto, a maior parte destes resultados estão longe de reforçar explicações determinísticas sobre estas continuidades.

Posto isto, espera-se que depois de controlado o efeito da vinculação aos pais (considerando as dimensões de *inibição da exploração e individualidade, qualidade do laço emocional e ansiedade de separação*), níveis superiores de segurança na vinculação ao par romântico (considerando as dimensões de *confiança, dependência, evitamento e ambivalência*) sejam preditivos de níveis superiores de desenvolvimento da intimidade (H2).

Avançando para a segunda hipótese e começando por atender ao papel da vinculação aos pais na intimidade, embora ambos os progenitores se manifestem como figuras com um papel relevante no desenvolvimento psicossocial relativamente a esta tarefa, percebemos que, tanto nos rapazes como nas raparigas, a figura materna representa uma influência mais evidente do que a figura paterna.

Assim, não só a vinculação à mãe e ao pai apresentaram uma contribuição específica para a intimidade observada nos adultos emergentes em estudo, como se verificou uma primazia da vinculação à mãe comparativamente à vinculação ao pai na predição da intimidade, quer nos rapazes quer nas raparigas. Embora as diferenças relativas aos papéis de género na parentalidade se tenham vindo a esbater, a vinculação à mãe e o papel desta enquanto emocionalmente securizante parece revelar-se nos *outcomes* desenvolvimentais (Paquette, 2004; Veríssimo et al., 2011). Neste contexto, o cuidado materno tem revelado implicações mais diretas na intimidade do que o cuidado paterno, contribuindo para estratégias de regulação emocional que podem facilitar/dificultar o desenvolvimento do conforto com a intimidade nas relações de proximidade (Land, Rochlen, & Vaughn, 2011).

Mais ainda, a segurança/insegurança na vinculação à mãe promove a segurança/insegurança com as demais figuras de vinculação. Contudo, este efeito não se manifesta na figura paterna (embora esta se afigure como preponderante para o desenvolvimento do indivíduo) pelo que a insegurança ao pai não parece promover de

forma linear a insegurança aos pares e/ou par amoroso, podendo estes representar alternativas à insegurança na vinculação (Rocha, 2008).

A cultura portuguesa atribui um papel preponderante na primazia da vinculação à mãe e na sua relevância ao longo do ciclo vital. As figuras parentais (principalmente a figura materna) continuam presentes na vida dos jovens por mais tempo, visto que a permanência em casa da família de origem se prolonga mais do que em muitos outros países, nomeadamente onde existem, por exemplo, sistemas de fraternidades ou coabitação numa idade mais precoce (Rocha, 2008).

Mais ainda, o pai continua a afigurar-se, no que concerne aos cuidados parentais, mais como uma *figura de complementaridade* nos cuidados primários de natureza mais afetiva. Ainda que se venha a verificar uma acentuada representação da mulher no mercado de trabalho, tal não implicou um decréscimo na tradicional atribuição das funções de cuidador(a) à mãe, que se encontram ainda extremamente enraizadas na população portuguesa (Monteiro, 2007), justificando-se assim que, nos dias de hoje, o desenvolvimento psicossocial do adulto emergente seja, pelo menos nalguns aspetos, mais influenciado pela vinculação à mãe do que pela vinculação ao pai.

Considerando finalmente a proposta basilar deste estudo, com enfoque na influência da vinculação ao par amoroso na (co)construção da intimidade, verificamos que de um modo geral a nossa hipótese se confirma, ou seja, a vinculação ao par amoroso, quando controlado o efeito da vinculação aos pais, prediz a intimidade. Ainda assim, importa atentar ao facto de, apesar de o impacto do par amoroso na intimidade se observar em ambos os sexos, ser mais claro o seu destaque no sexo masculino. Nos rapazes, o melhor preditor da intimidade parece ser, efetivamente, o par amoroso, comparativamente com a mãe ou o pai, e com uma representação percentual bastante acentuada. Trata-se de um resultado curioso, devido aos modelos tradicionalmente masculinos da não valorização da intimidade e da secundarização das relações próximas em termos do processo de desenvolvimento psicossocial, sendo estas características tradicionalmente associadas às raparigas (Johnson, 2004; Land et al., 2011; Rocha, 2008). Estes resultados vão contrariar, ainda, a premissa de que a vinculação aos pais é, consistentemente, mais associada à capacidade de intimidade do que a relação com outros significativos (Mayseless & Scharf, 2007).

Ainda a este respeito, embora a vinculação aos pais tenda a revelar-se um preditor robusto da intimidade, as relações românticas também têm o seu papel no desenvolvimento na adultez emergente aquando da construção da intimidade (Lehnart et al., 2010; Rocha, 2008). Mais concretamente, foi evidenciado que, embora as raparigas reflitam um modelo compensatório da vinculação amorosa face à vinculação

aos pais, nos rapazes observa-se um modelo independente, não havendo ligação entre a qualidade relacional com os pais e a relação amorosa (Freeman & Newland, 2002).

Ademais, percebendo-se a importância que a vinculação amorosa tem para o desenvolvimento psicossocial dos rapazes, estudos evidenciam que, numa relação, estes beneficiam, tipicamente, de maior suporte do que as raparigas, sendo que o contrário (falta de suporte) se revela mais disruptivo em termos de *distress* psicológico do que para o sexo oposto (Simon & Barrett, 2010). Ademais, num estudo de Lehnart e colaboradores (2010) verificou-se que o desenvolvimento da personalidade se encontra associado aos relacionamentos amorosos, quer nos homens quer nas mulheres, contudo, não ter uma relação ou ter uma relação insatisfatória tem maiores implicações na autoestima dos homens. Tal poderá prender-se com o facto de os homens numa relação, em comparação com homens solteiros ou em relações instáveis, experienciarem maior apoio; algo que nas mulheres não refletiu diferenças entre grupos (Lehnart et al., 2010).

Deste modo, embora a vinculação às figuras primárias tenha vindo a ser descrita pelo seu impacto nos mais variados contextos relacionais, ao longo do ciclo vital outras figuras ganham relevância, podendo ser cruciais na reorganização de modelos internos dinâmicos menos seguros. Sendo assim, torna-se fundamental atender ao contexto romântico e à sua influência no desenvolvimento psicossocial do indivíduo (Ávila et al., 2010; Rocha, 2008).

Depois de observarmos nos rapazes esta primazia da vinculação ao par amoroso na predição da intimidade, face ao papel da vinculação à mãe ou ao pai, foi interessante perceber que, nas raparigas, embora o par amoroso tenha relevância para esta tarefa de desenvolvimento psicossocial, também a vinculação à mãe permite predizer a intimidade. Assim, de entre os principais resultados encontrados, destaca-se a importância da vinculação amorosa no desenvolvimento da intimidade nos rapazes (com uma influência menos expressiva da vinculação à mãe e ao pai), enquanto que nas raparigas a vinculação ao par amoroso (apesar de influente) reflete menos impacto na intimidade, competindo com a vinculação à mãe e (de forma mais modesta) ao pai.

Estes resultados são consistentes com o estudo de Furman e Buhrmester (1992) que observaram que, de um modo geral, os parceiros românticos sobem progressivamente, na hierarquia com a idade, até à universidade, altura em que são colocados a par dos amigos e mães. Adicionalmente, os autores verificaram que, na universidade, os rapazes classificam os seus parceiros românticos como as principais figuras de suporte na sua rede, enquanto as raparigas atribuíram valores de igual

suporte para os parceiros, mães, amigos do mesmo sexo e irmãos (Furman & Buhrmester, 1992). Apesar de não termos avaliado dimensões relacionais associadas a pares e irmãos, não deixa de ser interessante constatar que estes resultados estão na linha dos encontrados no nosso estudo.

Os dados encontrados não corroboram a compreensão tradicional das relações amorosas nas raparigas como substitutas das relações parentais. O que deixa a questão sobre que fatores poderão explicar estes processos e que outros contextos relacionais assumem o papel de porto de abrigo para as raparigas? Possivelmente poderemos equacionar o papel central do grupo de pares em geral e da relação íntima com um/a “melhor amigo/a” poderá assumir no desenvolvimento psicossocial das mulheres, em particular em termos da construção da própria intimidade. De facto, nalguns estudos, as raparigas mostraram maior proximidade e investimento com os seus amigos do que os rapazes e embora a intimidade nas amizades masculinas tenha aumentado ao longo da adolescência, não chegou a equiparar-se à das raparigas (Jonhson, 2004).

Estes resultados sugerem que o modelo de explicação da intimidade com base na vinculação aos pais e ao par amoroso será especialmente relevante e adequado para os rapazes; mas menos capaz de explicar a resolução desta tarefa nas raparigas, onde a capacidade preditiva daquele modelo para explicar a intimidade no feminino é muito inferior. Para os rapazes, a identidade é uma premissa base para a capacidade de intimidade, sugerindo-se que a teoria de Erikson seja mais relevante para o sexo masculino (Eaton, Mitchell, & Jolley, 1991; Gilligan, 1982), visto que no sexo feminino o desenvolvimento psicossocial da intimidade requer um olhar mais específico (Arseth et al., 2009; Hodgson & Fischer, 1979).

Ainda assim, o desenvolvimento da personalidade está fortemente associado com as relações românticas aquando a adultez emergente (Lehnart et al., 2010), que parecem assumir um papel crucial nesta transição, pois sendo expectável a separação dos pais e a saída de casa, o estabelecimento de relações românticas surge como uma fonte nova e importante de segurança psicológica e emocional (Lehnart et al., 2010). Ter um parceiro romântico fornece aos jovens adultos uma base segura e um porto seguro para a exploração de estilos de vida e visões do mundo (Lehnart et al., 2010). De facto, as diferenças individuais na adaptação às transições associam-se, em larga medida, às diferenças do meio social e as relações românticas podem ser consideradas como uma das mais importantes facetas do meio social (Lehnart et al., 2010). Existe, então, a necessidade de compreender o domínio do envolvimento romântico como preponderante para manutenção do bem-estar em momentos de

transição (Schulenberg et al., 2004), pois alcançar a intimidade numa relação romântica é considerada uma tarefa desenvolvimental crítica na entrada na adultez (Conger et al., 2000), tendo um papel crucial no ajustamento a curto e longo-prazo (Lehnart et al., 2010; Schulenberg et al., 2004).

2. Limitações e pistas para investigação futura

As limitações são intrínsecas a qualquer estudo, não sendo este exceção, fazendo parte da reflexão do autor explicitar as mais importantes. Deste modo, destacam-se as questões relativas à amostra, nomeadamente o facto de ser exclusivamente universitária e apenas na Universidade do Porto, o que impede a generalização dos resultados, bem como análises numa perspetiva mais comparativa ao nível das transições, na medida em que não existe grupo de controlo (jovens que não frequentam a universidade) por forma a perceber se os fenómenos evidenciados são específicos da população universitária ou, ao invés disso, se abrangem a faixa etária da adultez emergente. Mais ainda, os dados foram recolhidos em 2005/2006 pelo que, apesar de relativamente recentes, podem já ser menos representativos dos contornos destes processos no momento atual.

Ainda no que concerne à amostra, tratando-se de população universitária, os desequilíbrios numéricos entre os géneros eram previsíveis, contudo, podem ter tido o seu papel nos resultados, algo que não se revela positivo quando nos propomos a comparar rapazes e raparigas. Mais ainda, a mortalidade da amostra (inicialmente composta por 3 momentos) não permitiu uma análise mais prolongada no tempo, visto que o desequilíbrio entre rapazes e raparigas era ainda mais evidente podendo constituir-se como um viés nesta investigação.

Relativamente aos instrumentos, destaca-se o facto de algumas subescalas, apesar de revelarem alphas de Cronbach aceitáveis, não conseguiram dar resposta a toda a amplitude do estudo, o que é o caso da dimensão *intimidade*, na escala *Erikson Psychosocial Inventory Scale* (Rosenthal et al., 1981), cingindo-se a dimensões bastante específicas da teoria de Erikson, embora ainda assim genéricas, não abrangendo tudo aquilo que implica a intimidade nas relações românticas, em concreto.

Ao nível da análise de resultados, a utilização de regressões múltiplas e hierárquicas por forma a predizer intimidade foi efetuada com uma variável do mesmo momento (vinculação amorosa) por forma a não comprometer o tamanho da amostra. Contudo, por essa razão, não existe forma de garantir a causalidade na relação entre as variáveis, podendo esta relação não ser unidirecional mas sim bidirecional, não sendo possível assumir uma predição no verdadeiro sentido da palavra.

Ademais, o facto de se tratar de uma dissertação de mestrado em muito ditou e *moldou* aquilo que foram as opções tomadas, nomeadamente ao nível da análise de resultados. Assim, embora os resultados sugerissem um percurso mais aprofundado de análise, nomeadamente ao nível mediativo, optou-se por uma abordagem de aproximação inicial e apropriação dos dados, não descartando a possibilidade de prosseguir um *caminho* de maior aprofundamento e recorrendo a análises mais robustas, potenciador de novos *insights* nesta temática.

Este estudo abordou a especificidade da influência da vinculação amorosa na adultez emergente, sendo esta área da teoria da vinculação ainda pouco estudada (Rocha, 2008). Deste modo, propõe-se um maior investimento e interesse nas dimensões da vinculação amorosa, na faixa etária da adultez emergente, bem como na intimidade enquanto fase crucial do desenvolvimento psicossocial, uma vez que se revelam áreas com parca investigação. O recurso a hipóteses de mediação também poderá ser vantajoso do ponto de vista investigacional, por forma a perceber de forma mais fidedigna a relação entre vinculação aos pais, vinculação amorosa e desenvolvimento psicossocial.

Mais ainda, sugere-se um maior interesse nas diferenças de género na adultez emergente e em relação à transição para a intimidade, visto que o enfoque tem vindo a ser colocado nas questões identitárias. As diferenças de género também se revelam merecedoras de atenção na consideração da vivência da vinculação amorosa na adolescência e adultez emergente, visto que é o primeiro passo para as diferenças na conjugalidade e na satisfação nas relações adultas, e ainda não parecem ser amplamente consideradas como tal.

Ademais, propõe-se uma atenção redobrada para os fenómenos psicossociais na adultez emergente, seja do desenvolvimento da identidade seja da intimidade, no feminino. As bases da teoria de Erikson e os estudos adjacentes colocaram um enfoque num modelo primordialmente masculino, com ênfase nas conquistas identitárias relativas à realização académica e/ou laboral a precederem uma predisposição para a intimidade (Hodgson & Fischer, 1979). Ainda assim, alguns estudos voltados para as diferenças de género entenderam que o desenvolvimento psicossocial feminino se poderia realizar em *trâmites* diferentes e ainda não totalmente explorados. O estudo revelou que o modelo de predição das raparigas não era amplamente explicativo da intimidade, contudo a literatura não sugere ainda que variáveis poderão ser explicativas da mesma (para além da vinculação aos pais e ao par amoroso), pelo que o desafio que se coloca para a investigação futura é, efetivamente, abordar o desenvolvimento psicossocial, na tarefa intimidade, sob um *olhar* voltado para o sexo feminino.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Allen, J. P. & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment* (pp. 319-335). New York: The Guilford Press.
- Arnett J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*; 1, 68–73. doi: 10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x
- Arseth, A. K., Kroger, J., Martinussen, M., & Marcia, J. E. (2009). Meta-analytic studies of identity status and the relational issues of attachment and intimacy. *Identity*, 9, 1 – 32. doi: 10.1080/15283480802579532.
- Ávila, M., Cabral, J. & Matos, P. M. (2010). Vinculação parental e relações românticas: o papel mediador da regulação emocional e da identidade. *Psicologia educação e cultura*, XIV, 1, 165-186.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 147-178. doi: 10.1177/0265407590072001.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226 –244. doi: 10.1037//0022-3514.61.2.226.
- Beyers, W., & Seiffge-Krenke, I. (2010). Does identity precede intimacy? Testing Erikson's theory on romantic development in emerging adults of the 21st century. *Journal of Adolescent Research*, 25, 387–415. doi: 0.1177/0743558410361370.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss, Vol 1: Attachment* (2nd ed.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss, Vol 3: Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books.
- Brenning, K. M. & Braet, C. (2012). The emotion regulation model of attachment: An emotion-specific approach. *Personal relationships*, 20, 107–123. doi: 10.1111/j.1475-6811.2012.01399.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50, 3-35. doi: 10.2307/3333824.
- Bretherton, I. (2010). Fathers in attachment theory: A review. *Early Child Development and Care*, 180, 9–23. doi: 10.1080/03004430903414661.

Buist, K. L., Dekovic, M., Meeus, W., & van Aken, M. A. G. (2002). Developmental patterns in adolescent attachment to mother, father and sibling. *Journal of Youth and Adolescence*, 31, 167-176. doi: 10.1023/A:1015074701280.

Cabral, J. (2011). *Vinculação, Desenvolvimento Psicossocial e Adaptação à Universidade: Dinâmicas de Regulação Emocional e Coping*. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

Carvalho, L.M.F. (2010). *Vinculação ao pai e ao par amoroso, em casais jovens*. Dissertação de mestrado. Porto: Universidade do Porto

Cassidy, J. (1999). The nature of the child's ties. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment* (pp. 3-20). New York: The Guilford Press.

Chickering, A. W. (1969). *Education and identity*. San Francisco: Jossey-Bass.

Collins, N. L. & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 4, 644–663. doi: 10.1037//0022-3514.58.4.644

Collins, N. L. & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In Bartholomew, K. & Perlman, D. (Eds.), *Advances in personal relationships: Vol. 5. Attachment processes in adulthood* (pp. 53-90). London: Jessica Kingsley.

Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C. M., & Elder, G. H., Jr. (2000). Competence in early adult romantic relationships: A developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 224–237. doi: 10.1037//0022-3514.79.2.224.

Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições Asa

Eaton, Y. M., Mitchell, M. L., & Jolley, J. M. (1991). Gender differences in the development of relationships during adolescence. *Adolescence*, 26: 565-568.

Feeney, J. A. & Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 2, 281–291. doi: 10.1037//0022-3514.58.2.281

Feeney, J. A. (1999). Adult romantic attachment and couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of Attachment* (pp. 355-377). New York: The Guilford Press.

Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafer, W. D. (1991). Attachment to mother/attachment to father: A meta-analysis. *Child Development*, 62, 210-225.

Fraley, R. C. & Davis, K. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal relationships*, 4, 131-144. doi: 10.1111/j.1475-6811.1997.tb00135.x

Freeman, H. S., & Newland, L. A. (2002). Romantic partners, best friends, mothers and fathers: Links between adolescents social worlds. *Resources in Education*. University of South Dakota, South Dakota.

Furman, W., & Buhrmester, D. (1992). Age and sex differences in perceptions of networks and personal relationships. *Child Development*, 63, 103-115. doi: 10.2307/1130905

Furman, W., & Wehner, E. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. In S. Shulman & W. A. Collins (Eds.) *Romantic relationships in adolescence: Developmental perspectives. New directions for child development*, No. 78. (pp. 21-36). San Francisco, CA: Jossey-Bass.

Gilligan, C. (1982). *Teoria psicológica e desenvolvimento da mulher*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Harlow, H. F. (1958). The nature of love. *American Psychologist*, 13, 673–685.

Hatfield, E. (1984). The dangers of intimacy. In V. J. Derlega (Eds.), *Communication, intimacy, and close relationships* (pp. 207-220). London: Academic press.

Hazan, C., & Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 511–524. doi: 10.1037//0022-3514.52.3.511.

Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5, 1, 1–22. doi: 10.1207/s15327965pli0501_1

Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 336-354). New York: Guilford Press

Hodgson, J. W., & Fischer, J. L. (1979). Sex differences in identity and intimacy development in college youth. *Journal of Youth and Adolescence*, 8, 37-50. doi: 10.1007/BF02139138.

Johnson, H. D. (2004). Gender, grade and relationship differences in emotional closeness within adolescent friendships. *Adolescence*, 39, 243–255.

Lamb, M. E. (1977). The development of mother-infant and father-infant attachments in the second year of life. *Developmental Psychology*, 13, 637–648. doi:10.1037/0012-1649.13.6.637

Lamb, M. E. (1992). O Papel do Pai em Mudança. *Análise Psicológica*, 1, 19-34.

Lamb, M. E. (2010). How do fathers influence children's development? Let me count the ways. In M. E., Lamb (Eds.), *The role of the father in child development* (5th ed., pp. 1-26). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

- Land, L. N., Rochlen, A. B., & Vaughn, B. K. (2011). Correlates of adult attachment avoidance: Men's avoidance of intimacy in romantic relationships. *Psychology of Men & Masculinity*, 12, 64-76. doi: 10.1037/a0019928.
- Lanz, M., & Tagliabue, S. (2007). Do I really need someone in order to become an adult? Romantic relationships during emerging adulthood in Italy. *Journal of Adolescent Research*, 22, 531–549.
- Lehnart, J., Neyer, F. J., & Eccles, J. (2010). Long-term effects of social investment: The case of partnering in young adulthood. *Journal of Personality*, 78, 639 – 670. doi:10.1111/j.1467-6494.2010.00629.x
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3(5), 55 1-558. doi: 0.1037/h0023281.
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. Lisboa: Report Number.
- Matos, P. M. & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 45- 54.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia*, 20(1), 97-126.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: construção de um instrumento e estudos de validação. *Revista Oficial de la Asociación Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación Psicológica*, 11, 93-109.
- Mayseless, O., & Scharf, M. (2007). Adolescents' attachment representations and their capacity for intimacy in close relationships. *Journal of Research on Adolescence*, 17, 23 – 50.
- Melo, O., & Mota, C. (2013). Vinculação amorosa e bem-estar em jovens de diferentes configurações familiares. *Psicologia em Estudo*, 18(4), 587-597.
- Monteiro, L. M. S. (2007). *Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: a especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Dissertação de doutoramento. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-indivduação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-366.
- Nomaguchi, K. M. (2008). Gender, family structure, and adolescents' primary confidants. *Journal of Marriage and Family*, 70, 1213 – 1227.

Orlofsky, J. L., Marcia, J. E., & Lesser, I. M. (1973). Ego identity status and the intimacy versus isolation crisis of young adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 27, 211-219

Paquette, D. (2004). Theorizing the father–child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193–219. doi: 10.1159/000078723.

Pittman, J. F., Keiley, M. K., Kerpelman, J. L., & Vaughn, B. E. (2011). Attachment, identity, and intimacy: parallels between Bowlby's and Erikson's paradigms. *Journal of Family Theory and Review*, 3, 32–46. doi: 0.1111/j.1756-2589.2010.00079.x.

Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement: revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. In M. E., Lamb (Eds.), *The role of the father in child development* (pp. 58-93). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Rauer, A., Pettit, G., Lansford, J., Bates, J., & Dodge, K. (2013). Romantic relationship patterns in young adulthood and their developmental antecedents. *Developmental Psychology*, 49, 2159. doi:10.1037/a0031845

Rocha, M. (2008). *O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência. Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso*. Dissertação de doutoramento. Porto: Universidade do Porto

Rosenthal, D. A., Gurney, R. M., & Moore, S. M. (1981). From trust to intimacy: A new inventory for examining Erikson's stages of psychosocial development. *Journal of Youth and Adolescence*, 10, 525-537.

Scharf, M., & Mayseless, O. (2007). Putting eggs in more than one basket: A new look at developmental processes of attachment in adolescence. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 117, 1–22. San Francisco, CA: Jossey-Bass. doi: 10.1002/cd.191.

Schulenberg, J. E., Bryant, A. L., & O'Malley, P. M. (2004). Taking hold of some kind of life: How developmental tasks relate to trajectories of well-being during the transition to adulthood. *Development and Psychopathology*, 16(4), 1119–1140. doi: 10.1017/S0954579404040167.

Shulman, S., & Scharf, M. (2000). Adolescent romantic behaviors and perceptions: Age- and gender-related differences, and links with family and peer relationships. *Journal of Research on Adolescence*, 10, 99-118.

Simon, R. W. & Barrett, A. E. (2010). Nonmarital romantic relationships and mental health in early adulthood: Does the association differ for women and men?. *Journal of Health and Social Behavior*, 51(2):168–82. doi: 10.1177/0022146510372343.

Tesch, S. A. & Whitbourne, S. K. (1982). Intimacy and identity status in young adults. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43(5), 1041-1051.

Torres, N., Santos, A. J., & Santos, O. (2008). Qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimento da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, XXVI(3), 435-445.

Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. J. (2006). Para além da mãe: vinculação na tríade mãe-pai-criança. In J.C. Coelho Rosa & S. Sousa (Eds.), *Caderno do bebé* (pp. 73-85). Lisboa: Fim de Século.

Veríssimo, M., Santos, A. J., Vaughn, B. E., Torres, N., Monteiro, L., & Santos, O. (2011). Quality of attachment to father and mother and number of reciprocal friends. *Early Child Development and Care*, 181, 27-38. doi: 10.1080/03004430903211208.

Whitbourne, S. K. & Tesch, S. A. (1985). A comparison of identity and intimacy statuses in college students and alumni. *Developmental Psychology*, 21(6), 1039-1044.

Widick, C., Parker, C. A., & Knefelkamp, L. (1978). Erik Erikson and psychosocial development. In L. Knefelkamp, C. Widick, & C. A. Parker (Eds.), *Applying new developmental findings* (pp. 1-17). San Francisco: Jossey-Bass.

Zimmer-Gembeck, M. J., Siebenbruner, J., & Collins, W. A. (2001). Diverse aspects of dating: Associations with psychosocial functioning from early to middle adolescence. *Journal of Adolescence*, 24, 313–336. doi: 10.1006/jado.2001.0410.

Anexo 1. Regressão linear múltipla relativa à predição da vinculação amorosa (2º momento) pela vinculação ao pai no sexo masculino.

Vinculação Amorosa	Preditores	F(3.61)	R ²	β	t	p	IC
Confiança		2.125	ns				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			ns	ns	ns	ns
Dependência		3.544	.148*				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			.277	2.116	.038	.013, .467
Evitamento		6.791	.250**				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			-.570	-4.074	.000	-.860, -.294
	AS			.243	1.977	.053	-.003, .509
Ambivalência		7.213	.262***				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			-.481	-3.459	.001	-.689, -.184
	AS			.436	3.574	.001	.180, .636

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$, ns = não significativo; p = valor de significância; IC = Intervalo de confiança a 95%; IEI = Inibição da exploração e individualidade, QLE = Qualidade do laço emocional; AS = Ansiedade de separação.

Anexo 2. Regressão linear múltipla relativa à predição da vinculação amorosa (2º momento) pela vinculação à mãe no sexo masculino.

Vinculação Amorosa	Preditores	F(3.64)	R ²	β	t	p	IC
Confiança		2.324	ns				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			ns	ns	ns	ns
Dependência		.803	ns				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			ns	ns	ns	ns
Evitamento		5.732	.212**				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			-.426	-3.151	.002	-.957, -.214
	AS			ns	ns	ns	ns
Ambivalência		6.474	.233**				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			-.454	-3.408	.001	-.886, -.231
	AS			.245	2.045	.045	.005, .457

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$, ns = não significativo; p = valor de significância; IC = Intervalo de confiança a 95%; IEI = Inibição da exploração e individualidade, QLE = Qualidade do laço emocional; AS = Ansiedade de separação.

Anexo 3. Regressão linear múltipla relativa à predição da vinculação amorosa (2º momento) pela vinculação ao pai no sexo feminino.

Vinculação Amorosa	Preditores	F(3.15)	R ²	β	t	p	IC
Confiança		1.30	ns				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			ns	ns	ns	ns
Dependência		8.31	.142***				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			-.29	-2.90	.004	-.451, -.085
	AS			.44	4.62	.000	.239, .597
Evitamento		1.31	ns				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			ns	ns	ns	ns
Ambivalência		3.12	.058*				
	IEI			.24	2.87	.005	.058, .314
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			ns	ns	ns	ns

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$, ns = não significativo; p = valor de significância; IC = Intervalo de confiança a 95%; IEI = Inibição da exploração e individualidade, QLE = Qualidade do laço emocional; AS = Ansiedade de separação.

Anexo 4. Regressão linear múltipla relativa à predição da vinculação amorosa (2º momento) pela vinculação à mãe no sexo feminino.

Vinculação Amorosa	Preditores	F(3.16)	R ²	β	t	p	IC
Confiança		9.744	.151***				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			.362	3.775	.000	.204, .651
	AS			ns	ns	ns	ns
Dependência		8.990	.141***				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			.419	4.904	.000	.229, .538
Evitamento		2.262	ns				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			ns	ns	ns	ns
Ambivalência		2.778	.048*				
	IEI			ns	ns	ns	ns
	QLE			ns	ns	ns	ns
	AS			ns	ns	ns	ns

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$, ns = não significativo; p = valor de significância; IC = Intervalo de confiança a 95%; IEI = Inibição da exploração e individualidade, QLE = Qualidade do laço emocional; AS = Ansiedade de separação.